



ANDREA SILVA DOMINGUES

A ARTE DE FALAR



REDESCOBRINDO TRAJETÓRIAS
E OUTRAS HISTÓRIAS DA
COLÔNIA DO PULADOR ANASTÁCIO/MS

A ARTE DE FALAR
redescobrimo trajetórias
e outras histórias da
Colônia do Pulador Anastácio/MS

Andrea Silva Domingues



©2011 **Andrea Silva Domingues**

Direitos desta edição reservados à Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autora.

Capa

Fernanda Copelli Branco

Diagramação e Projeto Gráfico

Laís Foratto

Preparação

Elisa Santoro

Revisão

Vilma Begossi

Maria Lucia P. Saponara

Ilustrações

Gustavo do Rosário

1ª Edição: Maio de 2011

D7132 Domingues, Andrea Silva.

A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS / Andrea Silva Domingues -- Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

116 p. c/ Bibliografia.

ISBN: 978-85-64367-11-1

1. História Oral. 2. Relatos de migrantes. 3. Geografia social. 4. Colônia do Pulador Anastácio – MS. I. Domingues, Andrea Silva. II. Título.

CDD: 900

paco
editorial

Rua 23 de Maio, 550
Vianelo - Jundiaí-SP - 13207-070

A todos os moradores da Colônia do Pulador, em especial, aos entrevistados, que com suas muitas histórias auxiliaram na construção deste estudo.

À memória de Claudio Valério da Silva (1955-2010), que foi educador, radialista, poeta, escritor e grande líder político dos nordestinos na cidade de Anastácio.

Ao meu companheiro Gustavo e a minha eterna princesa Maria Alice, pela paciência, dedicação e carinho.

(...) sempre me orientei por uma opção de que a prática de formação de profissionais da Educação deveria ser a expressão constante de uma experiência social vivenciada. Foi aí que busquei a inspiração e a força para levar à frente uma prática profissional, seja em sala de aula, seja na academia, na produção de conhecimento ou nas associações, nas discussões às vezes tediosas, às vezes inflamadas, sobre as direções a seguir em se tratando da formação de nossos profissionais de educação - sempre com a devida consciência de cidadania e de responsabilidade social para com o presente e o futuro.

Déa Ribeiro Fenelon, 2006

PREFÁCIO

Na arte de falar memórias vividas, insurgidas e reiventadas

É com alegria que vejo a publicação desta obra, ***A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS***, de autoria da professora e historiadora Andrea Silva Domingues, cuja meta é refletir sobre as experiências sociais e culturais dos habitantes da Colônia do Pulador, cidade de Anastácio no Estado de Mato Grosso do Sul.

É analisando modos de vida de homens e mulheres, oriundos de diferentes regiões de Pernambuco, que Andrea Domingues vislumbra “compreender as relações destes personagens históricos com a natureza e o trabalho, seus valores e relações sociais dentro da Colônia, seus sonhos e receios, na tentativa de evidenciar as singularidades de sua cultura material e sensível”.

Para tanto, elege como fonte de estudo documentos escritos, e, principalmente, relatos orais e histórias de vida, obtidos através da “a arte de falar, que contém complexidade, beleza e ludicidade”. Elementos, segundo Andrea, que foram expressos tanto ao longo de bons bate-papos, quanto em conversas formais, permeadas por vários artefatos da cultura material. Pois muitas entrevistas foram realizadas nos quintais, em banquinhos de madeira, sob árvores frutíferas como mangueiras. A maioria, concretizadas após se cruzar pelos cômodos das casas, que os-

tentavam imagens de santos prediletos, mesas, “tapetes na entrada de cada quarto, sala ou cozinha, com cortinas floridas na janela, fogão de lenha aceso com panelas de ferro, fogão a gás de quatro bocas coberto com uma toalha de crochê”.

De forma persistente e com afinco Andrea Domingues provoca, faz insurgir, e revisita com seus entrevistados, lembranças e memórias de diferentes épocas e lugares. Nesse perscrutar, próprio do exercício de historiadora de reunir fatos, “ainda que dispersos, contraditórios e/ou insuficientes”, analisa experiências e modos de homens e mulheres, “através do processo de deslocamento e das memórias construídas”, procurando “mostrá-los como uma categoria de trabalhadores que têm suas especificidades e fazem parte da história do Brasil”.

Adotando uma estratégica metodológica competente Andrea Domingues cruza por diferentes caminhos, atalhos e técnicas, aliando o ir e vir da memória, mediante a história oral, com os documentos escritos como, por exemplo, processos civis e dados estatísticos para estudar experiências sociais e culturais de nordestinos e nordestinas que “partiam em busca de um sonho imaginado, de uma melhor condição de vida, para se ter condições de um melhor plantio rumo ao Centro-Oeste do país”.

Na condição de cúmplice, expõe que um dos maiores desafios da sua pesquisa “foi romper a invisibilidade dos entrevistados, cujo registro está pouco ou raramente presente nos documentos escritos do município de Anastácio”. Contudo, faz questão de ressaltar que a documentação oral que utilizou não foi adotada como um meca-

nismo de substituição de fontes escritas, mas porque esta poderia “fornecer mais subsídios para a análise do cotidiano dos moradores da Colônia de Pulador, expressar a riqueza de suas experiências e de suas trajetórias de vida”. Mostrando-se, portanto, sempre atenta, como afirma Thompson, no caso de haver alguma “discrepância entre evidência escrita e oral, não se segue que um relato seja necessariamente mais fidedigno que o outro. A entrevista pode revelar a verdade que existe por trás do registro oficial. Ou, então a divergência poderá representar dois relatos perfeitamente válidos a partir de dois pontos de vidas diferentes, os quais, em conjunto, propiciam pistas essenciais para a interpretação verdadeira” (THOMPSON, 1998 p.307).

Chama-nos atenção a delicadeza, a sensibilidade e a sutileza com que Andrea atiza o ato de visitar e revisitar a memória dos seus entrevistados, ajudando na insurgência de lembranças permeadas de lutas, conquistas e perseveranças, através dos quais “o ato de mudar representa uma atitude muita séria para eles, pois significava partir em busca de um imaginário constituído da suposta terra fértil e melhores condições de vida”.

São imagens do passado que retratam as aventuras empreendidas nas longas viagens, feitas através de navio ou de caminhão, os quais adquiriam aspectos de residências ambulantes, “uma extensão da moradia: provisória, porém longa, pois a viagem durava dias.” Conforme narra Maria Olimpio da Silva Nascimento, “*era um caminhão coberto assim com uma lona né e dentro era aquelas tábuas assim, tudo banquinho, aqueles banquinho*

estreitinho noite passava viajando e às vezes deitava assim no chão numa coisa perto de alguma casa e ficava lá tinha rede, mas não tinha onde arma né, uns armava nos paus..."

Os relatos de entrevistados, como Maria Olimpio, além de trazerem para o presente experiências que marcaram suas vidas, expressam sentimentos, que os fazem reviver experiências do passado, que vão se construindo de acordo com a realidade na qual estão inseridos, muitas das quais preferem deixar soterradas na memória, como tenta fazer Dona Maria José: "*... hoje não quero nem me lembrar do Norte, me acostumei de um jeito*".

A experiência de vida no Nordeste, que tinha como base o princípio de busca do sustento da família, era caracterizada pela "lida" na roça. Mas, também, trazia consigo lembranças de uma cultura antiga, repleta de saberes tradicionais sobre como capinar, plantar, colher, adubar a terra, que se entrecruzam com aquelas da chegada à Colônia de Pulador, como recorda Antônio Gomes de Brito, "*...naquele tempo a facilitação era demais a gente entrava aí no mato matava um bichinho pra come, a gente ia no rio pescava pra come...*" "A subsistência era algo natural e fácil". "As casas eram construídas distantes umas das outras, não sendo necessário cercas para separar as terras, uma vez que a maioria dos moradores se conhecia e confiava uns nos outros".

Morar próximos uns dos outros implicava uma melhor organização e divisão do trabalho para o cultivo da terra, garantir costumes, tradições familiares e evitar o isolamento social. Além de manter um mecanismo de ajuda mú-

tua para o enriquecimento e para obtenção de melhores condições sociais da família. E, assim, o paraíso imaginado e encontrado entre as décadas de 30 a 60 foi crescendo, desenvolvendo-se e alterando-se, da mesma forma que passou a fazer parte das lembranças.

A partir de suas análises, Andrea afirma que a Colônia do Pulador já não é composta por somente homens e mulheres oriundos do Estado de Pernambuco. A natureza que da terra fez nascer sonhos, desejos e muito trabalho não é tão definida como antes. Das mudanças ocorridas na Colônia destacam-se o privilégio da pecuária sobre a agricultura, e a influência crescente das cidades sobre os modos de vida locais fazendo com que as pessoas busquem a cidade para morar.

Portanto, à medida que a Colônia foi crescendo, algumas benfeitorias surgiram: escolas, estradas, maquinários e investimentos financeiros foram conquistados, fazendo deste local um território interessante para os políticos regionais e de grande importância em uma eleição. E, assim, com o passar dos anos, a cidade de Anastácio foi se desenvolvendo e tornando-se cada vez mais presente na vida dos moradores do Pulador. Relações de amizade foram aumentando no meio citadino, de forma a fazer do caminho da cidade algo mais frequente.

Não restam dúvidas, a obra ***A arte de falar: redescobrimo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS***, de autoria de Andrea Domingues, além de evidenciar seriedade, argutez, persistência e prazer no trato e diálogo com diversificados materiais empíricos, dos quais se destaca relatos orais, imagens fotográficas, artigos

de jornais, processos civis e dados estatísticos, também demarca a arte de falar, ouvir, analisar, escrever e contar histórias, que Andrea está compartilhando com todos os seus leitores. E que eu honrada pelo feito, apresento agora a você leitor.

PROF^a. DR^a. BENEDITA CELESTE DE MORAES PINTO
UFPA/Campus Universitário do Tocantins-Cametá

Agradecimentos

Para que este livro viesse a ser concretizado, diversas pessoas contribuíram para a sua realização, seja pela amizade, companheirismo ou pelas informações que subsidiaram a construção da narrativa.

Agradeço, portanto, aos meus depoentes, Maria José Barbosa, Maria José Barbosa Filha, Manoel José do Nascimento, Maria Olimpio da Silva Nascimento, José Manoel da Silva — e sua esposa Margarida —, Antônio Gomes de Brito, Benvinda Maria da Conceição, Alarico David Medeiros Sobrinho, Alcebíades Alves de Albres, Claudio Valério da Silva e Nildo Alves de Albres — estes por acreditarem no significado desta produção, contribuindo assim para que se tornasse pública uma parte da invisibilidade da História do Brasil.

Estendo meus agradecimentos ainda: ao senhor Laércio Valério, Sandra Cristina de Souza e Silas Cabral, que ajudaram a abrir as portas de encontro com os depoentes.

Às professoras Déa Ribeiro Fenelon (*in memoriam*), Heloisa de Faria Cruz, Yara Aun Kfourri, Maria do Rosário Cunha Peixoto e Olga Brites, que, a partir de nossos diálogos coletivos e individuais de nossas relações políticas e sociais no universo da academia, contribuíram e contribuem com a formação e atuação desta autora.

À professora Denise Bernuzzi de Sant'Anna, por suas orientações e acompanhamento da construção desta narrativa.

Aos grandes amigos Arnaldo Begossi — autor da orelha desta obra e ainda pelo incentivo intelectual, econômico e sentimental — e a sua esposa, Vilma Begossi, pela amizade,

apoio e realização da primeira revisão desta narrativa, pois, sem o carinho e auxílio desse casal, não teria sequer iniciado minha carreira acadêmica.

Às amigas e irmãs Ana Rosa Nunes de Andrade e Benedita Celeste de Moraes Pinto, esta última pesquisadora que prefaciou esta obra; ao colega José Roberto Gonçalves, que conduziu esta publicação sempre pelo melhor caminho, e à professora Maria Lucia Saponara, companheira que revisou a impressão final deste trabalho.

No que se refere às instituições de fomento, somos gratos à CAPES, ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP e aos docentes e discentes do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí, pelo apoio acadêmico.

À editora PACO, por ter acreditado na publicação deste trabalho.

Agradeço ainda aos meus avós, Albertina e Sebastião, ao meu pai, José Carlos Dias, à Jurema Clemente Martin e à Cecília do Rosário, que estiveram sempre auxiliando com palavras ou atitudes.

Por fim, minha sincera gratidão a Elizabete Silva, mulher guerreira e meu espelho: minha mãe; Ao meu esposo, companheiro, amigo, amor verdadeiro, Gustavo do Rosário, e à minha filha Maria Alice Silva Domingues do Rosário, que viveram comigo os momentos difíceis alegres e compreenderam a minha ausência.

Índice

Introdução.....	15
Capítulo 1	
Viagens ao Paraíso Imaginado.....	31
Capítulo 2	
Trabalho, Cotidiano e suas representações.....	59
1. Extensões Corporais.....	75
Capítulo 3	
Colônia e Cidade.....	81
1. A cidade de Anastácio.....	85
2. A Colônia do Pulador e as lembranças de Pernambuco.....	89
Algumas Considerações.....	101
Bibliografia.....	105

Introdução

Refletir sobre as experiências sociais e culturais dos residentes da Colônia do Pulador da cidade de Anastácio no Estado de Mato Grosso do Sul é o desafio principal deste livro. Nele, modos de vida de homens e mulheres moradores desta Colônia e oriundos de diferentes regiões de Pernambuco são analisados. Trabalha-se, assim, com memórias de mulheres e homens antes e depois do deslocamento realizado, pois se percebe que muitas de suas lembranças foram e são constituídas, por experiências não necessariamente ligadas à viagem de migração. Busca-se compreender as relações destes personagens históricos com a natureza e o trabalho, seus valores e relações sociais dentro da Colônia, seus sonhos e receios, na tentativa de evidenciar as singularidades de sua cultura material e sensível.

Para se promover a análise proposta trabalhamos com documentos escritos, e, principalmente com depoimentos. Nesta última forma, a arte de falar contém complexidade, beleza e ludicidade. Estes elementos foram expressos tanto ao longo de bons bate-papos, quanto de conversas formais. Assim como a pintura, a escultura, a música, a dança ou até mesmo a literatura - considerados elementos de expressão e comunicação artísticas - a fala exige a criação constante de manifestações singulares que, embora estejam mergulhadas na rotina e no senso comum, deles se distingue.

Neste sentido, quanto maior a sintonia entre o interlocutor e receptor, melhor a produtividade e o sabor do diálogo. O artista envolvido com sua obra; o pintor com seus pincéis, tintas e telas; o escultor com seus modelos e formas; o músico com suas notas e sons; o bailarino com o seu corpo e a música; o escritor com suas ideias e letras, todos

estes expressam seus sentimentos carregados de experiências sociais e culturais. Assim também o faz o contador de história, os memorialistas ou simplesmente todos, quando contam sobre a vida, de forma rememorada e narrada.

Todos, do pintor ao escritor, passam por categorias de artistas e arteiros: quer-se intencionalmente *falar sobre algo*, seja através dos pincéis, dos sons, dos signos, do corpo, das letras, das palavras e nisto consiste também a arte de falar. Trata-se, portanto, de uma arte comum, tal como CAUQUELIN (1999) considera o “lugar comum”, repleto de criatividade. Para Cauquelin, “comum” pode ser considerado aquilo que se partilha e se liga a um sentimento comunitário; por isso, costumes e também memória são partilhados. A ideia de que a “arte de falar” pode ser considerada uma arte do comum, indica, portanto, que se trata de uma arte partilhada e que evoca o espaço público, coletivo e, ainda, certa generosidade.

A arte de falar, aqui trabalhada, evoca uma convivibilidade resistente, em parte, à homogeneização da fala. Assim, a arte de falar é uma arte comum, não por que seja uma espécie de “primo pobre” de uma outra arte, mas muito mais, porque “viver segundo o lugar comum” pode ser uma arte (1999, p.15) constituída de palavras ordinárias dotadas, porém, de grande precisão, as quais fomentam, a seu modo, os vínculos sociais e, igualmente, as distâncias e separações entre as pessoas. Além do esforço em captar esta arte de falar, foi necessário compreender os espaços do município de Anastácio e neste o da Colônia do Pulador.

No entanto, para se compreender a relação entre estes dois espaços geográficos, faz-se necessário inseri-los num

outro espaço, que é o da cidade de Aquidauana. Anastácio e Aquidauana eram, na verdade, somente Aquidauana, sendo outrora denominadas por Margem Esquerda do rio Aquidauana (hoje Anastácio) e Margem Direita do rio Aquidauana (hoje Aquidauana).

Mas como o interesse deste livro volta-se para a então Margem Esquerda, foram selecionados alguns estudos que procuraram caracterizar historicamente esta região. Estes estudos revelam que as terras da Margem Esquerda foram doadas à senhora Inocência Mascarenhas Corrêa pelo seu esposo Coronel Estevão Alves Corrêa (parte do Rio Aquidauana e Taquarusu, contra vertente e vertente do Jacarezinho, Ribeirão Acôgo até a foz).

A denominação de município de Anastácio ocorreu somente em 1965, quando a antiga Margem Esquerda desmembrou-se do município de Aquidauana, configurando-se assim o município de Anastácio. Este, por sua vez, possui várias Colônias populacionais, entre elas a Colônia do Pulador.

Esta Colônia é formada por "migrantes" que vieram inicialmente de diferentes pontos do Estado de Pernambuco, principalmente das cidades de Surubim, Juá do Manso, Caruaru, Limoeiro, Vertente, Manduri e que começaram a adquirir terras - no atual município de Anastácio - aproximadamente nos anos de 1920. Estas terras faziam parte de uma fazenda pertencente à família Anderson e, no momento em que foram vendidas, foram divididas em Colônias. Na denominada de Pulador, a produção básica era a mandioca, o arroz, a banana e o abacaxi; anos depois a Colônia transformou-se em diversos sítios onde predomina a pecuária de corte e de leite.

Voltando-se para a intenção principal deste livro, que é a de tornar visível a participação de homens e mulheres que passaram pelo processo de deslocamento rumo à constituição desta Colônia, através da análise de suas memórias para a reflexão de suas experiências cotidianas, foi preciso perceber as maneiras como eles se constroem como sujeitos de sua vida, buscando entender o significado das práticas de trabalho e de lazer cotidianos; seu modo de perceber o passado e o presente; suas habilidades manuais e singularidades culturais.

Dentro desta perspectiva, a cultura material, que constitui um dos focos desta obra, é entendida como a cultura que procura os fatos, os objetos concretos, estes que se repetem para serem interpretados como hábitos, tradições; são objetos e modos de produzi-los que possuem como característica básica o trabalho coletivo e um conjunto de saberes e valores que passam de geração a geração, observados na população, atribuindo ao objeto mais que um significado técnico (EINAUDI, 1989, p. 11-47).

Entre os elementos da produção dos materiais analisados, destacam-se os utensílios utilizados na casa de farinha da Colônia do Pulador. Além dos sentidos e funções técnicas destes objetos, estudar a cultura material é, também, investigar suas relações sociais, sua historicidade e importância simbólica.

Por isso, faz-se necessário entender os sentidos das técnicas e materiais empregados no trabalho exercido no cotidiano dos depoentes aqui escolhidos, juntamente com o significado de seus valores e sensibilidades. Neste sentido, por "cultura sensível", expressão de Alain Corbin

(2000), entende-se o conjunto de sensibilidades (auditiva, gustativa, visual, olfativa e tátil) historicamente construído, mas também, as intolerâncias que vão sendo criadas ou abandonadas, tal como a maior intolerância ao frio, bastante recorrente nas lembranças acerca do Nordeste, ou como a crescente preferência pela alimentação baseada na carne, na erva mate, o gosto por novos usos da água, entre outros.

A experiência de vida desta pesquisadora, como membro do grupo de estudos sobre gênero e classe, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, entre os anos de 1995 e 1999, e a elaboração de um pequeno recorte sobre memórias políticas do município de Anastácio, levaram-na à percepção dos modos de viver e ver de homens e mulheres da cidade de Aquidauana e de Anastácio. E, a partir destas observações, passou-se a considerar que estes elementos mereciam inúmeras análises por meio das quais se poderia enriquecer a historiografia regional.

Investigou-se como a Colônia do Pulador iniciou sua povoação com homens, mulheres e crianças, verificando-se que estes vieram de um processo de deslocamento desde os anos vinte, percebendo-se, através dos relatos realizados com os "migrantes", que as primeiras viagens foram realizadas, em boa parte, de navio. Estes partiam de Recife e desembarcavam no Rio de Janeiro; e, em seguida, o restante da viagem era realizada de trem. Isto ocorreu, provavelmente, até o término dos anos trinta. Depois des-

sa época, a grande parte dos "migrantes" utilizaram caminhões, chamados de "pau-de-arara", para se deslocarem. Durante vários dias, com diversas outras famílias dividindo redes e banquinhos entre outros improvisos, eles viajavam na carroceria deste tipo de caminhão.

No entanto, à medida que fomos construindo a narrativa desta obra percebia-se o quanto as categorias de "nordestinos" e "migrantes" nem sempre especificavam de modo satisfatório as singularidades dos homens e mulheres nestas viagens. Assim, compreendeu-se que, embora os depoentes tendiam a se autodenominarem de "migrantes", e também de "nordestinos", na medida em que nossa conversa com eles se prolongava, apareciam outras autodenominações, tais como aquelas referentes a seus nomes, suas preferências e limites, as particularidades das regiões de Surubim, Limoeiro, Juá do Manso, Vertente, Caruaru.

A este respeito é importante ressaltar que, ao se trabalhar com a categoria de "nordestinos", o livro de Durval Muniz (1999) realiza uma reflexão bastante cuidadosa. Para o autor, *"o Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produtos de um desvio de olhar ou fala, de um desvio no funcionamento do sistema de poder..."* demonstrando que *"tanto o Nordeste como os nordestinos são invenções de determinadas relações de poder e do saber"*. Durval faz compreender como é o processo da invenção através das noções referentes aos "nordestinos", considerando os discursos da mídia, que acabam muitas vezes ressaltando a ação discriminatória sobre a região do Nordeste e seus habitantes.

Contudo, não se pretende neste livro discutir, ou inverter este discurso de discriminação, criado pelos estereótipos relacionados à região do Nordeste. Como continua Durval Muniz: *“tanto os discriminados como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela”*. Durante as entrevistas, vários depoentes insistiam na autodenominação de migrante, e, no decorrer da escrita, escolheu-se por mantê-la entre aspas porque a sua manutenção também é carregada de sentidos. Trabalhou-se na direção de enfrentar o entendimento de alguns desses sentidos. Se na maior parte de suas falas, eles insistiram em se chamarem de “migrantes”, supõe-se que esta categoria se afirme não apenas para encobrir diferenças, mas, sobretudo, para manter certa coesão cultural e pela permanência da lembrança desta condição, para toda a Colônia do Pulador.

A História Oral tem sido uma das grandes contribuições ao estudo das experiências de homens e mulheres em diversos e diferentes setores da sociedade, abrindo um caminho de conhecimento e possibilidades de valorização de grupos sociais até então invisíveis na documentação escrita. Por meio da História Oral foi possível conhecer, de uma maneira especial, os moradores da Colônia do Pulador, suas múltiplas experiências e modos de perceber o mundo. Um dos maiores desafios deste livro foi romper a invisibilidade dos entrevistados, cujo registro está pouco ou raramente presente nos documentos escritos do município de Anastácio. Todavia, a documentação oral não foi adotada como um mecanismo de substituição do escrito, mas sim por se acreditar que esta, a partir dos depoimen-

tos, poderia melhor fornecer subsídios para a análise do cotidiano dos moradores da Colônia, expressar a riqueza de suas experiências e de suas trajetórias de vida.

Os estudos sobre mulheres e homens habitantes de Mato Grosso do Sul ainda necessitam de novas análises. Os escritos bibliográficos encontrados são poucos e, frequentemente, destinados ao ensino primário. Os jornais do município de Anastácio, aos quais se teve acesso, caracterizavam mais o acompanhamento de obras políticas, que se confirmaram na análise das Atas da Câmara Municipal, não podendo auxiliar muito no foco de nossos estudos. Desta forma, a busca de materiais, tais como processos civis e dados estatísticos, motivaram nossa investigação, na medida em que forneceram dados para a análise sobre as relações entre homens e mulheres da Colônia, e sobre seus casamentos, colocando, assim, frente a mais um desafio: o de escapar das interpretações restritas exclusivamente às tendências misóginas ou bastante comprometidas ideologicamente com o interesse dos poderes locais. Interessava, portanto, estudar as experiências sociais que nem sempre aparecem explicitadas nos textos ideologicamente comprometidos com eleições locais de prefeitos, por exemplo, ou disputas partidárias. Neste sentido, a noção de experiência se tornou, neste livro, um conceito chave. E, para esclarecê-lo foi bastante profícua a análise da noção de experiência (THOMPSON, 1987) que foi pensada como um processo de homens e mulheres comuns, que se tornam sujeitos da história, por meio de suas lutas cotidianas. Assim, a experiência significaria um processo contínuo de criação e de resistências no qual tem desta-

que a afirmação das singularidades culturais de cada grupo social e região.

Nesta direção entende-se o quanto a *categoria experiência é múltipla, ampla e ramificada, e, que através dos estudos de gênero se torna possível ampliar esta noção, escapando do risco de buscar uma essência de mulher ou de homem* (SCOTT, 1998). A experiência é, neste aspecto, coletiva e também individual, social e histórica uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT,1990).

Este livro foi se desenvolvendo na medida em que avançamos na reflexão sobre as maneiras de viver dos habitantes da Colônia. Buscou-se a todo o momento perceber as experiências e processos de deslocamento, tendo sempre como horizonte que *“a história, por mais distante que seja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual”* (PORTELLI, 1997).

Na Colônia do Pulador há diferentes experiências relacionadas ao deslocamento, cheias de representações acerca da saída de Pernambuco, da chegada em Mato Grosso, carregadas de angústias, perdas, ganhos, e ressentimentos que, juntas, tornaram-se uma alternativa de busca da sobrevivência em terras distantes, na perspectiva de um futuro melhor. Como demonstra Willians (1990), as maneiras de viver no campo envolvem diferentes práticas, e, na Colônia do Pulador, homens e mulheres buscaram formas diferenciadas de sobreviver, envolvendo experiências diversas, como o trabalho rural em terras próprias, arrendadas ou de fazendeiros e o cultivo de plantas variadas, como a mandioca, o arroz, o milho, verduras e árvores frutíferas.

Ao pensar que *"só há experiência em sentido pleno quando entram em conjunção certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo"* (GUIMARÃES NETO, 2000, p 213), entende-se que o individual e o coletivo se conjugam, igualmente, nas memórias dos "migrantes". Por meio delas, buscou-se apresentar, neste livro, diferentes falas e versões do processo de deslocamento e da construção da Colônia do Pulador e da Cidade de Anastácio - MS.

Resta ainda lembrar que, no decorrer da obra, o interesse pela história social justifica-se, principalmente, devido à valorização dos modos de vida de pessoas comuns, trabalhadores que nem sempre são alfabetizados. Interessou-nos analisar suas relações sociais, suas lutas e receios, as formas pelas quais eles sobrevivem e se relacionam com a Colônia onde habitam. A fonte oral passou a ser então fundamental para o desenvolvimento desta escrita. Trabalhou-se com homens e mulheres acima de cinquenta anos, bem como com pessoas de gerações diferentes, consideradas remanescentes importantes em termos cronológicos. O interesse foi, também, o de entender os significados que os entrevistados constroem sobre o trabalho, o cotidiano da Colônia e sobre as cidades de Anastácio e Aquidauana.

Na tentativa de fazer nascer vozes diferentes no município de Anastácio, estabeleceu-se, inicialmente, um contato com pessoas consideradas públicas, originárias da Colônia do Pulador ou que tiveram um conhecimento da origem desta. A partir daí, realizou-se uma organização preliminar com doze moradores da Colônia ou mato-grossense, para se escutar e visualizar a participação de cada um deles dentro da Colônia e da cidade de Anastácio, para, em seguida,

iniciar entrevistas e poder estabelecer uma conexão entre as fontes escritas e as orais.

Dentro deste contexto, foram entrevistadas dez pessoas, sendo selecionadas entrevistas com homens e mulheres que vieram do Estado de Pernambuco, políticos da cidade de Anastácio, tendo como preocupação o levantamento de novas problemáticas e indagações.

No decorrer das entrevistas, observou-se a necessidade de fazer da conversa um diálogo solto, com perguntas abertas que tornassem aquele momento uma conversa informal, uma ocasião em que os depoentes poderiam se soltar, buscando em suas memórias, lembranças, saudades distantes, momentos importantes, expressos por meio dos gestos, faces tristes e alegres, expressões e palavras que mostravam a busca e a luta por uma vida melhor.

Desta maneira, a fonte oral e a presença dos gestos corporais tornaram-se fundamentais para a reconstrução da história individual e coletiva da Colônia do Pulador. Em geral, as entrevistas foram realizadas nas moradias dos entrevistados, possibilitando, portanto, o conhecimento, principalmente, dos seus quintais: era no quintal de terra, com banquinhos de madeira cercado por árvores, tais como mangueiras, que eram realizadas as entrevistas. Nestes locais, em geral bem agradáveis, arejados, limpos, ouviram-se as trajetórias individuais de Dona Maria José Barbosa; Dona Margarida e seu Camilo; Manoel José Barbosa e Dona Maria Olímpio e Dona Benvinda e seu Lalau, todas pessoas comuns, com trajetórias de vida repletas de informações sobre a região e o processo de deslocamento do Nordeste para o Mato Grosso.

Para esta autora “... as recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar através do tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente trazem a possibilidade de atualização do passado no presente...” (GUILMARÃES NETO, 2000, p.99-114). A memória nem poderia mesmo ser exposta, tal um quadro, exposto após ser pintado. Por ser viva, manter-se em constante processo de construção, ao invés de ser revelada, exposta ou apresentada, ela é trabalhada em meio às conversas que se manteve com cada depoente. O processo de recordar é, portanto, uma ação e inclui uma multiplicidade de vivências.

Com o intuito de refletir sobre as atualizações do passado no presente, coletou-se uma série de recordações diferentes, relativas a vários momentos de vida de cada um, observando, sempre que é possível, a reconstrução do percurso de deslocamento no ir e vir dos vários momentos da vida. Assim, a multiplicidade dos tempos pode ocorrer em um mesmo momento nas falas dos depoentes, pois há uma contiguidade característica aos trabalhos da memória, muito mais forte do que uma continuidade de eventos ordenados de modo sucessivo num único “fio” de tempo. O hoje é sempre carregado de diferentes temporalidades coabitando falas por vezes de modo pouco evidente. O ir e vir fez com que se pensasse a história de forma múltipla, refletindo a diversidade da experiência e a pluralidade do próprio tempo.

Na busca de refletir o processo histórico através da memória, buscou-se entender as transformações da memória coletiva, através do mito, no folclore, no plano

institucional e, também a memória dividida, que acaba sendo mediatizada pelo senso comum e pela questão ideológica, onde a memória dividida não é apenas o conflito da memória comunitária com a ideológica / oficial (PORTELLI,1966,p.103-130).

Na verdade, a memória sobre a Colônia do Pulador também é feita pela multiplicidade de lembranças divididas, todas com fundo ideológico e cultural mediado (PORTELLI,1966,p.106), pois as narrativas são experiências mediadas pela linguagem, pelo ambiente vivido, por condições sociais, políticas e religiosas. As memórias são, portanto, experiências historicamente construídas, constantemente modificadas, enquanto que cada experiência é, por sua vez, uma criação constante da memória, que faz o passado servir para fazer o presente e imaginar o futuro. Pensar, juntamente com a memória, a experiência e a diversidade cultural é fundamental para se discutir o processo de deslocamento dos moradores da Colônia do Pulador. A memória da Colônia, mesmo sendo coletiva e dividida, é, ao mesmo tempo, social e individual. Ela é lembrada por alguém e compartilhada ou questionada por muitos outros residentes na Colônia. Além disso, a fonte oral tornou-se uma condição necessária para a realização deste livro, pois, como afirma Portelli (1997,p.25-39):

“... Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessária (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que tem tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante...”

Ao escrever parte da história do percurso de deslocamento e das experiências dos homens e mulheres da Colônia, observou-se que, mesmo havendo registros escritos referentes a estes personagens da história, estes ainda não eram suficientes para a busca da multiplicidade de opiniões que podem ser observadas através da oralidade.

Da forma como foi construída a narrativa desta obra, o primeiro capítulo proposto, "*Viagens ao Paraíso Imaginado*," traz uma discussão sobre as razões do deslocamento para Mato Grosso, a viagem, sua origem, as saudades e as transformações ocorridas na Colônia do Pulador.

No segundo capítulo, "*Cotidiano, Trabalho e suas representações*", percebe-se a atuação de homens e mulheres na família, no lazer e no trabalho, ressaltando principalmente a relação das mulheres com a casa e a roça, e sua importância nestes espaços para a constituição da Colônia do Pulador.

O terceiro capítulo, "*Colônia e Cidade*", tem como preocupação a discussão da importância dos habitantes da Colônia do Pulador no desenvolvimento do município de Anastácio e a relação existente na contemporaneidade entre a Colônia e a Cidade.

As análises apresentadas no decorrer da escrita foram realizadas no sentido de se adquirir uma melhor reflexão sobre os sujeitos envolvidos na construção da Colônia e da Cidade, principalmente ao trabalhar com memórias orais e escritas, e ao buscar significados que contribuíssem para o entendimento da história do município e de seus habitantes, o que serviu para fazer deste livro um portal para novas buscas sobre os temas da Colônia, da Cidade e da Migração.

São os "migrantes", residentes na Colônia do Pulador e no município de Anastácio, que se procura conhecer e estudar no momento. Sabe-se que esses homens e mulheres lutaram para conquistar e fazer progredir seus espaços nas terras mato-grossenses. Tais espaços foram construídos lentamente, cotidianamente, com entusiasmo, respeito, perseverança, com o auxílio da natureza, mas, também, com muito trabalho para domesticá-la e para aproveitar suas riquezas e forças.

Mapa do deslocamento realizado
pelos migrantes da Colônia do Pulador



Rumo ao Paraíso Imaginado



Capítulo 1

Viagens ao Paraíso Imaginado

"... eu sou uma pessoa, eu não ia falar, mas vou falar logo pra senhora, no tempo que eu nasci e me criei não existia escola de governo, era só cabo da enxada ensinado pelo pai, pois é isso que eu sei dizer..."

Depoimento de Antônio Gomes de Brito, 2000

Sabe-se que a fonte oral é uma fonte viva, inacabada, e que, portanto a história que se quer fazer é uma história inacabada; o entrevistado relata e ao mesmo tempo cria sua história de vida através do tempo. Foi no relato entre o passado e o presente, mesclando um ao outro, que nossos depoentes auxiliaram na reflexão do processo de deslocamento do Estado de Pernambuco para o então atual Mato Grosso do Sul.

Na série de depoimentos dos homens e mulheres residentes na Colônia do Pulador são observadas referências de uma época marcada por muito trabalho, mas também de um forte convívio com tradições familiares. A chegada em Mato Grosso e a saída do Nordeste foram expressas nas falas dos depoentes, deixando entrever o quanto a memória condensa vários tempos. Em geral o passado é lembrado como um tempo de labor árduo, o que lhes serviu de motivo para se deslocarem de diferentes regiões do Nordeste do Brasil rumo à região de Mato Grosso, Estado dividido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul no ano de 1977. Em uma grande parcela dos casos, os "nordestinos"

resolveram vender a "...terrinha que tinha..." e, com a família, se mudaram para o Mato Grosso. Em outras regiões, normalmente, os homens deslocavam-se primeiro com a pretensão de conquistar algo para depois buscarem suas mulheres e seus filhos. Mas os homens aqui estudados se mudaram para a nova terra acompanhados da família, por vezes extensa, constituídas de pai, mãe, filhos, avós, primos, tios, irmãos e amigos.

Durante as entrevistas, os depoentes lembraram-se de como descobriram e criaram a imagem de Mato Grosso. Entre eles, Maria José Barbosa que nasceu em Juá do Manso, no município de Vertente, no Estado de Pernambuco, casada e mãe de dezesseis filhos, lembrou das primeiras imagens da região, logo que soube da possibilidade de se mudar. Com uma tonalidade de voz firme, ela fala da construção destas imagens de Mato Grosso: "... Ele ficou sabendo disso com Suza Pinheiro, pai de Mavi, ele chegou lá fez a cabeça dele, disse que a caça vinha pro quintal, o viado, o tatu, era tudo junto com as galinhas...".

A imagem de uma região próspera, com fartura de caça e de terra, entusiasmou Dona Maria José e contagiou sua família. Nela, havia o mito da terra e do mercado de trabalho fartos, capazes de transformar a vida de qualquer um numa trajetória destinada ao deslocamento rumo à melhoria social e econômica desejada.

Durante as décadas de 1950 e 1960, mudar para o Estado de Mato Grosso torna-se uma tendência crescente. Contribui para isto uma série de homens conhecidos como "divulgadores de terras": consistiam numa pequena parcela de viajantes, que iam para a região do Nordeste com a

missão de divulgar e vender as terras de fazendeiros. Contudo, a maioria dos residentes da Colônia do Pulador tiveram notícias da região através de amigos e familiares. Estes enviavam cartas estimulando os outros a se mudarem também. Souberam da região graças às visitas de parentes ou conhecidos, os quais demonstravam o entusiasmo e contentamento pela fertilidade do território, auxiliando no anúncio e na formação da imagem do “Paraíso” tão sonhado, atribuindo, a este chão, qualidades de fertilização e bom para a criação de animais. Ter conhecidos já residentes na nova terra e a perspectiva de habitar num lugar fértil foram alguns dos principais estímulos para o deslocamento de várias famílias entrevistadas, tais como aquelas de Maria José Barbosa e de Antônio Gomes de Brito. Este nasceu no ano de 1918, em Vertente de Taquaritinga em Pernambuco. Foi criado pelo pai e uma irmã mais velha devido à morte prematura de sua mãe. Concentrado no que falava e com muita seriedade, Antônio conta como foi sua chegada em Mato Grosso:

“... Se sabe eu vou conta o acontecido da chegada aqui, nós chegamo em 32 que meu pai veio avisitá um compadre que morava ai na Morraria, tinha um, já fazia oito ano que tinha saído de lá, então veio avisita ele ai, prometeu que logo ia vende o que tinha pra vim pra cá mas o ano lá foi ruim a gente espero pro outro ano e chegamo aqui no ano de 34...”

Entre os depoimentos referentes à mudança para Mato Grosso também se tem a fala de uma senhora chamada Maria Olimpio, nascida na cidade de Limoeiro em Pernam-

buco, que, com muita calma, sossego e relaxada na varanda de sua casa, relembra:

“... Meu pai tinha um irmão aqui que veio novo pra qui ele morava aqui no Pulador chamava-se José Valério conhecido como tenente o pessoal chamava de tenente ai meu pai veio ai gostou daqui mandou buscá a gente, meu pai veio de lá visita ele aqui gostou né porque aqui tinha mato tinha bastante lavoura né, ele mandou buscá a gente por outro irmão dele que morava em São Paulo um tal de Joaquim, Joaquim Valério ai ele mandou trazê a gente...”.

Dona Maria Olimpio, seu Antônio e outros depoentes, ao narrarem suas histórias, recorrem ao detalhamento de quem chegou primeiro, de quem contou para quem sobre aquelas terras. Há uma certa diversidade de pessoas envolvidas na decisão de partir, o que indica o quanto a mudança para Mato Grosso envolvia laços sociais e se dava, em grande medida, pelas influências do coletivo. Além disso, as narrativas destes depoentes tendem a ser recortadas por nomes de pessoas, por referências a sujeitos comuns que cruzaram as suas trajetórias de vida, por vezes, rapidamente. A precisão da fala dessas pessoas está muito mais na localização de nomes e lugares do que na narrativa que privilegia o que acontece com estes lugares e nomes.

Contudo, todos os depoentes, homens e mulheres, ao rememorarem o processo de deslocamento vivido por eles para o Estado de Mato Grosso, mesmo em condições diversas, demonstram que houve uma resistência na ideia de mudar, de se deslocarem de seu território. O ato de mudar representa uma atitude muito séria para eles, pois signifi-

cava, naquele momento, partir em busca de um imaginário constituído da suposta terra fértil e melhores condições de vida. A seca, a falta de água não foram as causas do deslocamento, mas sim a imagem e o desejo de ter uma vida com melhor qualidade, através da agricultura ou com a fatura da fauna e da flora que supostamente encontrariam.

Pode-se observar que nas conversas descontraídas com alguns moradores da Colônia foi contada uma história, que os mais idosos já falecidos contavam aos mais novos: no período da Guerra do Paraguai, quando as tropas passaram pelas terras de Mato Grosso, havia diversos soldados de origem pernambucana e, entre estes, um soldado sobrevivente que, por causa de algum mérito, passou a ser chamado de Tenente. Após conhecer as terras mato-grossenses ficou encantado com a natureza bela, com suas matas e animais. Ao retornar a Pernambuco, convidou alguns amigos e parentes para criarem a Colônia do Pulador dando, assim, o início à imagem do paraíso imaginado. Esta história fez com que a palavra tenente fosse utilizada como um tipo de tratamento a algumas pessoas consideradas importantes da região, e, contribuiu também para criar uma origem da Colônia bastante aceitável para os que nela fixaram residência.

Ao mesmo tempo, a ideia de um clima bem definido, verão / inverno, funcionou como um forte atrativo para muitos dos familiares se deslocarem. Segundo Antônio Gomes de Brito e Maria Olimpio da Silva Nascimento, por exemplo, um clima bem definido significava de uma certa maneira a segurança de uma boa colheita:

“... aqui tinha fama que era melhor. Porque o ano seco não dava nada, num sabe e aqui qualquer coisa que plantava

i dava, então já era uma vantagem, era uma vantagem pra nós..."¹

"... é que lá nós não lucrava todo ano, e aqui nós lucrava porque chuvia bastante, lá quando nós tava com a lavoura pra lucrá vinha a seca acaba com tudo não lucrava nada, argum ano quando dava, que era bom de inverno nós lucrava bastante..."²

Entre as lembranças da mudança da terra natal para o Mato Grosso, a ideia de lucro aparece em alguns momentos, principalmente quando "lucrar" é relacionado à produção agrícola, trazendo a esses homens a ideia de cultivar a terra, que até então ainda era mata ou servia para pastagem do gado. Nas falas dos depoentes, a ideia de lucrar caminha junto com a possível terra fértil, onde poderiam plantar, cultivar produtos como a mandioca, o abacaxi e tudo que a terra pudesse dar, tendo como resultado uma colheita que não fosse destinada apenas à subsistência da família, mas também à venda, à troca na cidade, podendo assim no próximo ano aumentarem o plantio ou suas terras.

De fato, na maior parte dos depoimentos, o clima aparece como a principal razão do deslocamento de homens e mulheres para a Colônia do Pulador. Eles mostram que, em Pernambuco, a falta de um clima que possuísse a estação de inverno definida prejudicou bastante as suas vidas, fortificando o abandono da terra de origem, como relembra Antônio Gomes de Brito, que se utilizou de muitos gestos e uma face entristecida para falar que: "... Pernambuco no tem-

¹ Depoimento de Antônio Gomes de Brito.

² Depoimento de Maria Olimpio da Silva Nascimento.

po que eu saí de lá e até hoje memo, se nele não fartasse um inverno no tempo necessário, não havia lugar melhor..."

Todavia, alguns depoentes, como Maria José Barbosa, consideravam sua vida razoável no Nordeste, "... lá nós era acostumada né, lá a gente tinha uma vidinha boa, trabaiava na roça, mas não tinha calor, não tinha frio...". Ao contrário das queixas ao clima rude, há lembranças de um clima ameno, propício à saúde e ao trabalho. No entanto, segundo várias outras recordações sobre o Nordeste, as estações do ano não possuíam um período próprio e, na maior parte das lembranças, a seca era predominante. Ao deslocarem-se para o Mato Grosso, eles sentiram a diferença, porque a região de Anastácio possui duas estações bem definidas, com inverno seco e verão chuvoso, podendo a temperatura alcançar a marca de 40 graus nos meses de verão. Como os "migrantes" não estavam acostumados com essa mudança de temperatura, o clima é um aspecto presente em todos os depoimentos.

No entanto, com o passar do tempo, as imagens do passado e do presente não permaneceram as mesmas. Os trabalhos da memória implicam, constantemente, novos arranjos entre as diferentes lembranças e a criação de limites às mesmas, tais como aquele de Dona Maria José: "... hoje não quero nem me lembrar do Norte, me acostumei de um jeito..."

Visto que a Colônia do Pulador é composta em sua maioria por homens e mulheres que vieram do Estado de Pernambuco, a adaptação dessas famílias não ocorreu com grandes dificuldades. Verifica-se que "... uma vez superados, a angústia, o medo, a resistência e o ressentimento da mudança, o olhar para trás, o juntar traços vivenciados no

passado reforçaram os sentimentos de pertencimento ao grupo..." (LUCENA, 1998).

Ainda a respeito da memória, é preciso também entendê-la como uma nova construção de narrativas num processo de alteração constante, ajustada de acordo com a realidade vivida por cada um. Assim, as lembranças do passado sofrem influências do presente e vão sendo transformadas a cada dia. A memória passa, então, a reescrever a realidade vivida, produzindo um conjunto de representações do depoente e construindo um caráter coletivo (BOSI, 1994).

Mas para o entendimento dos deslocamentos rumo ao interior de terras no Brasil é importante ressaltar que, na década de 30, o país passava por importantes modificações políticas, devido a questões econômicas e à crise da bolsa americana; a industrialização crescia abundantemente, fortificando a "Era Vargas" que tinha como uma de suas propostas "ampliar o povoamento na região centro-oeste do Brasil" (OLIVEIRA,1996). Acompanhando o pensamento varguista que surgia nos finais dos anos 30, a Marcha para o Oeste³ tinha como intenção penetrar na região amazônica, abrindo espaço para a industrialização, ocupando os chamados "espaços vazios", tendo uma estratégia política que visava à reorganização do espaço social.

A Marcha para o Oeste tem sido considerada um dos grandes projetos desenvolvidos pelo governo brasileiro no século XX. Para Vargas, ela possibilitaria não somente o conhecimento, mas a ocupação da região central do país.

³ Sobre a Marcha para o Oeste ver: LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente oeste de colonização: o comércio colonial de Mato Grosso no contexto da mineração*. Cuiabá: PROEDI, 1982.

A área compreendida entre a Serra do Roncador e o Alto Xingu era, até a metade do século passado, desconhecida e, para muitos, considerada inóspita, um enorme branco no mapa do Brasil. A necessidade de afirmação da soberania nacional foi uma das razões que trouxe à tona a importância de se ocupar estas terras.

Em 1943, a II Guerra Mundial passava por momentos decisivos: a conquista de espaço vital adquiria proporções inimagináveis nos países europeus, em particular, na Alemanha. O Brasil, com fronteiras que poderiam abrigar a grande maioria dos países europeus, possuía uma região praticamente inabitada e de grande riqueza natural.

Tal situação contribuiu para despertar no governo brasileiro a intenção de preencher estas lacunas, incentivando o progresso e a ocupação da região. Para se alcançar esta meta, criou-se a Fundação Brasil Central, órgão subordinado ao Ministério do Interior⁴.

A região onde se encontra a Colônia do Pulador sofreu um processo de transformação acelerada através de uma política de terras e uma política educacional, que estavam no contexto do processo de exploração das terras do interior do país. O unificar desta política de terras com o desejo de buscar uma vida melhor em outro lugar fez com que esses homens partissem de seu território de origem. O lugar escolhido poderia ser qualquer região disponível do país a receber contingentes populacionais e formar Colônias, e isto foi uma tendência geral no Brasil.

⁴ Documentário Rota Brasil Oeste: Visões do Brasil, entrevista com Orlando Villas Boas, 87 anos, Alto da Lapa São Paulo, Radiojornalismo. Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

Estes lugares são carregados de significados para os que desejam mudar de vida, pois homens e mulheres, ao partirem para terras distantes, depositavam a esperança de encontrar uma vida melhor. Para muitos deles, (como no caso de alguns nordestinos em São Paulo) é interessante ressaltar que existe uma perspectiva de retorno à terra de origem. Esta tendência se diferencia daquelas dos moradores da Colônia do Pulador, pois eles vieram para o Mato Grosso com o intuito de se fixar com suas famílias nas terras adquiridas. Desta maneira, vendiam seus bens para partirem rumo ao Paraíso Imaginado. Dona Maria Olimpio e o senhor José Manoel, por exemplo, falaram de como se organizaram para partir:

“...Nóis tinha terra, ai as cabra, vaca, minha mãe vendeu tudo, meu pai mandou procuração, ai vendemo tudo...”⁵

“...Ai quando ele resolveu foi de uma vez, ele terminou de lucrá o lucro ele vendeu tudinho, ai vendeu a casa, só tinha casa, com um terreno que tinha, ele vendeu baratinho memo...”⁶

Nos relatos dos depoentes vislumbram-se os sonhos do deslocamento, os desejos esperados em relação à procura de uma nova terra. Nas narrativas orais de Antônio Gomes de Brito, conhecido como Lalau, e de Maria Olimpio da Silva Nascimento, percebe-se nas entrelinhas que o desejo da mudança era o de encontrar trabalho, uma forma de sobrevivência que “desse mais lucro”. Eles vinham com a esperança de encontrar um lugar onde pudessem produzir e

⁵ Depoimento de Maria Olimpio da Silva Nascimento.

⁶ Depoimento de José Manoel do Nascimento.

melhorar de vida: "... Esperava encontrá dificuldade porque todo canto tem povo pobre né, mas aqui tinha fama que era melhor...". Antônio, ao falar do que esperava encontrar em Mato Grosso, chama a atenção para "a fama" que tinha a região mato-grossense, de que era melhor. É importante lembrar que havia uma propaganda feita pelos homens que já habitavam a região; e que através de encontros com seus familiares ou envio de cartas divulgavam estas terras, o clima definido, a fauna, a flora e a fertilidade do chão.

Os entrevistados também expressam várias lembranças alegres como relata Dona Maria Olimpio: "...Eu fiquei feliz, esperava encontrá o que eu maginava ficá aqui trabaiá. Tinha a lavoura que ia dá muita coisa assim de lucro..."

No conteúdo de cada narrativa estão inseridas lembranças de um passado onde o deslocamento social torna-se uma espécie de sinônimo de conquista de uma vida melhor em outra cidade / Estado / Região, marcado pela trajetória de vida de cada "migrante". Estes, com sonhos em comum, partiam em busca da terra idealizada onde: "plantava de um tudo, de bananeira, mandioca, muda de abacaxi, batata, arrois, milho, a gente plantava o que dava"⁷. Uma terra, onde a natureza colaborava com chuva e sol, oferecendo um clima definido para a concretização de uma boa colheita. Esperava-se assim, traçar um elo entre a natureza e os homens, dentro do qual proliferasse fartura e segurança. A natureza de Mato Grosso era, portanto, vista como uma espécie de aliada dos homens, fato este nem sempre presente nas memórias referentes à natureza do Nordeste, em particular de Pernambuco. Contudo, além do clima, outras lembranças

⁷ Depoimento de Antônio Gomes de Brito.

apareciam: tanto para homens, crianças, mulheres e famílias completas que se deslocaram do Nordeste em busca de terras promissoras em Mato Grosso, há os desafios, por exemplo, que foram diversos e pontuam suas lembranças desde o início da viagem: "...o caminhão tava coberto armava rede pra dormi, e ele (o marido) ficava no banquinho..."⁸ .

Ao analisar as fontes escritas e compará-las com os depoimentos, confirma-se a possibilidade de se fazer uma interlocução entre elas, capaz de nos indicar quantos migrantes a Colônia do Pulador recebeu como moradores, sendo seu maior número nas décadas de 30, 40 e 60⁹.

Através deste aprendizado com a realidade vivida vieram à tona diferentes lembranças relacionadas ao transporte até o Mato Grosso. Na leitura de cada entrevista surgem palavras, trechos que esboçam a maneira individual de falar sobre cada viagem rumo ao Paraíso Imaginado. Os moradores mais antigos da Colônia do Pulador, por exemplo, fizeram a viagem de navio até a cidade do Rio de Janeiro, como expressado no depoimento de seu Antônio Gomes de Brito. Este ao narrar sua viagem, fez questão de detalhar como era o trajeto e o navio em que viajou :

"...não tinha condução a terra, não tinha, pegamo o navio em Recife, saimo, descemo no Rio de Janeiro, o navio um lugar bom de viaja, só enjoado num sabe, ele tem 50 metro de extensão, é compridão, eu dormi lá dentro de um camarim, o chefão mora lá em cima num repartimento, a classe

⁸ Depoimento de Maria José Barbosa.

⁹ Fonte: "Registros do Arquivo do Cartório de Registro Civil Alarico David Medeiros Sobrinho" In: Cartório de Registro Civil Alarico David Medeiros Sobrinho, Anastácio, MS. 1959 – 2000.

de todo canto é naquele trenado tudinho aberto dali pra baixo, tem dois porão, nós ficamo no camarote quem queria fica lá ficava quem não queria ia pra outro canto, é muito bom de viaja, eu achei bom, mas a enjoeira é grande...”

Antônio situa os diferentes espaços do navio demonstrando o quanto dentro desta embarcação ele sabia localizar-se e reconhecer hierarquias sociais.

A viagem de navio durava aproximadamente cinco dias inteiros e partia da cidade de Recife rumo ao Rio de Janeiro. Ao desembarcarem na cidade do Rio de Janeiro, os viajantes continuavam seu percurso de trem, que era conhecido no período dos grandes deslocamentos sociais internos no Brasil como “trem da migração”, e que transportava gratuitamente os “migrantes”, para outros estados, nos quais havia demanda de mão de obra, principalmente para trabalhar em São Paulo. Ao descerem no Cais na cidade do Rio de Janeiro, já encontravam os chamados “agenciadores de trabalho”, que ali divulgavam as firmas e fazendas que representavam. Estes homens acompanhavam os viajantes até o trem e estes não tinham custo algum com passagem, alimentação e, em alguns casos, estada na cidade de São Paulo, até a distribuição dos locais de trabalho.

Em um quintal de terra cercado de pasto de gado e algumas árvores, seu Antônio com chapéu na cabeça, camisa de botão aberta no peito, sobre a sombra de uma antiga casa de barro, para se esconder do forte sol, continua a conversar dizendo:

“...quinze dia toda condução, de navio foi cinco dia com cinco noite o mais rápido embarcamo no Recife e decemo

no Rio de Janeiro pegamo a migração pra SP, a migração quando a gente chega no Cais, Porto, ai tem aqueles empregados de firma já esperando quem chega quem quisé migração ele ta pra levá onde queira ali é grátis, nós fumo na migração lá nós passamo de um dia pra outro lá come, bebe, dorme, faz tudo lá, no outro dia o mesmo chega pra arruma condução de trem que toca pra, na migração não tem nada não paga nada...”

Há a insistência naquilo que é “grátis”, não se paga, sugerindo uma valorização e uma certa confiança nesse tipo de contrato de trabalho que, logo no início deixa o futuro trabalhador numa situação, segundo Antônio, quase confortável: não precisava pagar pelo que comia nem pela “dormida”.

Ao mesmo tempo, vários usos do trem, que a princípio não pareciam existir, se revelaram cotidianos entre os entrevistados. Por exemplo, alguns deles nos disseram ter usado o “trem da migração” gratuitamente, tal como este sistema funcionava para o transporte até a capital de São Paulo, mas, ao desembarcarem, partiam em busca de seu destino que era Mato Grosso. Segundo os depoentes, o “trem da migração” era um sistema criado pelo governo para transportar os “migrantes” até São Paulo. Havia casos de viajantes pararem em São Paulo, trabalharem alguns meses para conseguirem juntar o dinheiro para o restante da viagem e somente mais tarde dirigirem-se para outro local.

Já, em outras falas, a viagem ganha aspectos diferentes, reforçando a existência de grandes levas de “migrantes” em períodos diferenciados como os da década de 40 e

50, período em que se deslocou o senhor Manoel José do Nascimento:

“...arrumou um caminhão lá, não era um não era um pau-de-arara era um caminhão nós viemo num caminhão né, ai esperou o caminhão o cara tava em São Paulo desceu pra Surubim era um tal de Lorival morava em Surubim ai ele foi com aquele caminhão veio pra Recife vendê e comprá um novo mandou meu pai esperá. ai meu pai esperou sabe ai ele arrumou o caminhão lá fez o coberto que nem uma tábua botou um tabuado né ai botou 50 pessoa dentro do caminhão homem, mulhé, criança de um tudo ai só movimentava quando parava o caminhão ai descia tudo ia faze comida na beira da estrada toma banho no rio, porque ele parava perto do rio né toda vez ele parava perto do rio pro pessoal toma banho, lava roupa e as mué um bucado de coisa e fazia comida e ai a gente jantava quando jantava ia pousada embaixo do caminhão eles forrava uma lona bem grande embaixo do caminhão no chão e ai o pessoa ia dormi em cima da lona...”

O caminhão adquiria, em depoimentos como este, o aspecto de uma residência ambulante, uma extensão da moradia: provisória, porém longa, pois a viagem durava dias.

Além disso, como se pode observar no depoimento de Manoel, as paradas tornaram-se um ponto forte. Sua descrição longa é marcada por estas paradas e pelo convívio daqueles que acabaram se constituindo como grupo. Essas paradas eram intervalos no percurso que, frequentemente, aparecem associadas aos momentos das refeições, dos banhos, do descanso e, principalmente do contato social entre os viajantes. Elas servem, também, como marcos simbólicos das distâncias e referências territoriais.

De todo o modo, as lembranças das viagens nos possibilitaram deduzir que suas vivências foram diferentes. Na longa duração da viagem, o tempo é vivido e rememorado de modo heterogêneo entre os passageiros: para alguns, vários momentos da viagem passaram mais rápido, tais como as noites e o percurso. Para outros, ao contrário, os mais longos períodos eram os do trajeto e das noites, estas aliás nem sempre vividas de modo confortável: havia falta de espaço nos caminhões. Contudo, trazer esta memória por meio da história oral faz compreender que a experiência e a lembrança da duração da viagem não possuem o mesmo sabor para todos:

“... Era um caminhão coberto assim com uma lona né e dentro era aquelas tábuas assim, tudo banquinho, aqueles banquinho estreitinho noite passava viajando e às vezes deitava assim no chão numa coisa perto de alguma casa e ficava lá tinha rede, mas não tinha onde arma né, uns armava nos paus...”¹⁰

Maria Olimpio, ao falar de sua viagem, expressou descontentamento com a falta de conforto nos caminhões. Essa lembrança, que ainda a faz suspirar (talvez de cansaço), ocupa bastante espaço em sua memória. Entretanto, seu rosto não chegava a expressar mágoa nem tristeza, apenas uma leve ponta de constrangimento, perceptível num franzir da testa quando descrevia o fato de precisar deitar-se no chão.

Lembrar ao falar é viver, é reconstruir o passado com o olhar e os sentimentos do presente. Em cada palavra o depoente traz ao tempo presente experiências que marcaram sua vida. Mas ao expressar seus sentimentos, vive nova-

¹⁰ Depoimento de Maria Olimpio da Silva Nascimento

mente experiências do passado que se constroem de acordo com a realidade na qual está inserido. Segundo Maurice Halbwachs (1990, p. 143), “em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir, que devemos voltar nossa atenção, é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembrança”. A reconstrução do pensamento ocorreu em cada lembrança aqui trabalhada, no ir e vir da memória, na sua construção dinâmica no presente.

Interessante observar também que os entrevistados lembram mais de como era o meio de transporte que usavam durante a viagem, muito mais até do que a paisagem que eles viram ao longo do percurso. Na verdade, contar como foi a viagem é falar sobre como ela é lembrada ao ser narrada. Se o trajeto migratório se resume, para alguns, nas paradas, para outros, ele se resume na lembrança do meio de transporte. Para outros, ainda, a narrativa da viagem é aquela dos objetos usados para dormir e descansar. Tudo isto contribuiu para fornecer à nossa análise não uma única visão ou vivência da viagem, mas uma diversidade de experiências que a caracterizaram. Trabalha-se, portanto, com as histórias que os entrevistados atualizam em sua ação de lembrar, ressaltando aquilo que mais os tocou e lhes interessou: o que, por conseguinte, transforma a viagem em várias viagens, em deslocamentos concomitantes e sucessivos no tempo e no espaço.

Assim, o interesse não é entender a viagem como um percurso retilíneo, com começo, meio e fim, pois nas lembranças de cada depoente esta via linear não é tão forte: em seu lugar existem várias vias: aquelas dos percursos

sonolentos, aquelas dos trajetos alegres ou enfadonhos e, sobretudo, a vivência das largas paradas que serviam para a lavagem da roupa suja, o banho, a preparação da alimentação e um sono mais tranquilo, às vezes em pousadas, ou vividos de modo pouco confortável embaixo do caminhão. É interessante observar que a viagem se torna plural e complexa, na medida em que os sentimentos que dela fazem parte se diferenciam de entrevistado para entrevistado.

Segundo vários entrevistados, a viagem de caminhão durava aproximadamente nove dias, isto quando o caminhão não quebrava e a natureza não trazia a chuva. Mas no percurso da viagem de Pernambuco a Mato Grosso todos os homens e mulheres, tanto os que fizeram a viagem de navio, como aqueles que se deslocaram de caminhão, passavam pela cidade de São Paulo: local onde se concentrava a maioria dos "migrantes" que vinham em busca de trabalho na cidade grande. Ao chegarem na região paulista, desembarcavam e continuavam as viagens por outros meios.

É interessante observar no trecho abaixo que a viagem nem sempre é lembrada como uma experiência fácil. Na memória de Maria Olímpio ficou muito a imagem do esforço e, novamente, a lembrança do desconforto:

"...De caminhão também, viemo até em Andradina, esse nós saimo de madrugada chegamo meio dia em Andradina não tinha coberto, nada, em cima do caminhão sem coberto ai chegamo em Andradina né que era pra nós pega o trem de uma hora de meio dia ai nós chegamo uma hora aí nós tivemo que fica em Andradina possamo no hotel em Andradina ai no outro dia fomo sai meio dia outra vez que era pra espera o trem, só tinha um trem, o

trem era ruim aqueles banco duro não era aqueles banco sozinho não era aqueles bancão comprido...”

Outra coisa que se percebe na memória das viagens, além das paradas e do meio de transporte, é o esforço realizado pelos viajantes para a sua realização. Antes de partirem tinham que vender seus bens e arrumar o meio de transporte. A organização e a realização da viagem exigiam de certa maneira muita paciência e esforço, como se observa na fala acima, de Maria Olímpio. Ao chegarem de pau de arara em São Paulo, ainda viajaram de madrugada em cima de outro caminhão que não possuía cobertura e, para continuidade da viagem até Mato Grosso, existia apenas um trem diário, que não proporcionava conforto algum aos passageiros, que partiam rumo à Colônia do Pulador. Por vezes, os depoentes foram ajudados por outras pessoas ou amigos de seus familiares no meio do percurso. Assim, por exemplo, o senhor Manoel José Nascimento em sua cadeira de descanso, feita de ferro e cordões de plástico, com as costas eretas, pés firmes no chão e olhos centralizados num único ponto, relata sua passagem pela cidade de São Paulo, sem pressa:

“...Cheguemo em São Paulo meu pai encontrou um conhecido que morava em Pernambuco um conhecido lá que morava em São Paulo ai arrumo naquele tempo tinha uma tar de a migração pra pegar o trem pra vim pra qui pra Mato Grosso então ele arrumo essa tar de amigração lá essa amigração era em outra estação noroeste né ai ele foi arrumo tudinho arrumo tudinho a viagem pra toda a família que tava lá vim pra cá pela migração não gastava nada quando foi essa hora puxava todo mundo, ai nós

viemo quando foi essa hora assim chego o caminhão na estação noroeste boto todo mudo pra leva pra estação da luz na estação da luz pra pega o trem pra vim pra cá ai chegamo na estação da luz descemo tudinho levou lá num hotel numa pensão mandou todo mundo come a vontade tudo pela migração, esse amigo de meu pai arrumou tudo até a comida a janta pra todo mundo, todo mundo janto a vontade quando terminemo de janta que descemo pra linha do trem ele vinha chegando só foi para a gente foi entrando dentro dele, a Maria Fumaça...”

A hospitalidade e o acolhimento da pessoa amiga são demonstrados por meio de oferecimento de uma refeição, fato este recorrente nas memórias recolhidas. Oferecer abrigo, e, sobretudo, comida servia como uma espécie de aconchego aos depoentes durante suas viagens.

Com um olhar distanciado e saudoso sobre a vida antes do deslocamento, Manoel, um senhor falante, alegre e comunicativo, auxilia na compreensão das imagens idealizadas por cada depoente, os quais, com sede de vida melhor trilharam o percurso da viagem até Mato Grosso. Ao relatarem este percurso, emergem novos fragmentos das histórias de vida de cada personagem, de seus conhecimentos sobre o caminho percorrido e de suas habilidades para conquistar a Colônia do Pulador.

Uma parte da memória, do esforço dos entrevistados nos reenvia, ainda, ao tempo anterior ao deslocamento, à vida nas cidades de Caruaru, Surubim, Limoeiro, Vertente, Juá do Manso, localizadas em Pernambuco. Aqui, os depoimentos refletem suas vivências passadas e de um cotidiano desprovido de maiores condições. Com uma infância mar-

cada pelo trabalho manual, no “cabo da enxada”, as atividades braçais eram realizadas tanto por homens, mulheres e crianças. A vida na “lida”, no trabalho da roça, começava cedo para a maioria das pessoas, enquanto as mãos pequenas já eram vistas como um auxílio a mais no sustento da casa: “...Eu trabaiava, quando eu era criança meu pai me ensinou me deu uma enxada pra eu traiaiar com sete anos, a gente puxava a enxada o dia inteiro...”¹¹

Antônio Gomes de Brito, ao rememorar sua infância, lembrou-se de que iniciou sua vida de trabalho braçal com apenas sete anos de idade e, ao descrever essa lembrança, sua fala encheu de sentimentos como tristeza e ressentimento. O depoimento foi ficando cada vez mais rico, a cada palavra que era dita. No depoimento o “pegar na enxada” aparece também como uma atividade de criança no trabalho, na roça, e para realização dessa atividade pelos pequeninos era necessário que o corpo estivesse preparado para ter condições de carregar a enxada ou adaptá-la à sua idade e porte físico.

Interessante observar que, embora a natureza fosse considerada uma aliada, ela não era percebida separada da obra humana de domesticação de suas forças. Domesticar a natureza através do plantio, do cultivo, da colheita, da criação de animais, de desvio de rios através de valetas que se tornaram córregos, fazia parte do cotidiano na Colônia. A luta contra os imponderáveis naturais, tais como: a falta de chuva, a seca, a terra dura, a perda de plantações inteiras, pertencia aos dias vividos em Pernambuco. A experiência de vida no Nordeste, que tinha como base o princípio de busca do sustento da família, era caracterizada pela

¹¹ Depoimento de Antônio Gomes de Brito.

“lida” na roça. Mas ela também trazia consigo lembranças de uma cultura antiga, repleta de saberes tradicionais sobre como carpir, plantar, colher, adubar a terra. Assim, o cotidiano desses migrantes era marcado também por outras relações com a natureza. Por exemplo, Dona Maria Olimpio ao falar com sorriso nos lábios, na maior parte da realização de nossa conversa, demonstra que nas noites claras, de lua cheia, a brincadeira de roda se tornava mais prazerosa:

“...era gostoso ficava toda aquela moçada ali no escuro memo não era luz elétrica não, era no escuro memo e nós cantava bastante aqueles versinho de amor aquelas coisa né e nós cantava naquelas cantiga e ficava brincando até tarde na noite na rua, quando a noite era de lua que era boa né, era claro, a noite era de lua tinha a claridade da lua na noite na noite de escuro agente também brincava ali no terrero...”

O escuro era povoado por contos e experiências de diversão coletiva, assim como pela presença majestosa da lua. Os moradores da Colônia do Pulador, em sua maioria, também eram ligados a uma tradição religiosa. Pode-se perceber esta tendência através das festas comemorativas realizadas no Nordeste e também na Colônia, onde Maria Olimpio continua dizendo que:

“...Existia festa de São João fazia aquela festa na casa memo né, festinha de São João, Natal, de Nossa Senhora da Conceição sempre meu avô festejava sabe o mês de maio a gente festeja também a gente rezava era o mês de Maria na casa de meu avô fazia sempre, os 31 dia era terço, reza toda noite na casa de meu avô...”

Além da festa de São João, a importância destas datas religiosas pode ser observada no Cartório de Registro Civil, pois o período em que mais ocorriam casamentos, entre homens e mulheres oriundos do Estado de Pernambuco, era o mês de dezembro, confirmando a importância da festividade do Natal para eles.

Todavia, tal como o significado das festas religiosas há também a tradição alimentar, marcada até os dias atuais pela comida feita com o milho, dando origem ao cuscuz e ao angu de milho, feito com xerém:

“...Xerém é o milho quebradinho que a máquina quebrou, ele então, ele solta a massa né uma massinha, tira aquela massa e fica o xerém, lava o xerém na água fica só o xerém limpo, limpinho, que nem xerém que a gente compra, canjica, daí cozinha bem cozinhado depois bota um pouquinho de massa nele engrossa ele com a massa, aquilo a gente come com leite, quando tem leite come com leite, quando não tem leite come com o cuizcuis, o cuiscuis é feito da massa né.”¹²

Ao se dialogar sobre a alimentação, seu Manoel fez questão de explicar detalhadamente o que é o xerém, e, com a boca, expressava seu desejo de comer algum alimento feito com esse milho quebradinho – o xerém. Em suas lembranças ele relaciona o valor da substância, sugerindo o poder nutritivo e incluindo muito cuidado para a limpeza: “onde fica só o xerém limpo, limpinho”.

Interessante observar que, ao lembrar tempos vividos, a relação com a água é mencionada em diversas entrevistas,

¹² Depoimento de Antônio Gomes de Brito

mostrando o quanto, para grande parte dos entrevistados, ela era utilizada nos afazeres domésticos e higiênicos, embora não tivesse sido a causa central do deslocamento para Mato Grosso. Mas a chuva, e outros fatores climáticos, como já se mencionou, levaram vários homens e mulheres para o Centro Oeste do Brasil. Durante as entrevistas, os depoentes discorrem sobre alguns aspectos de suas relações com a água:

“...quando chegava em casa passava num rio, tem vez que o rio tava cheio né no rio Capibaribe porque nós morava no outro lado tinha que cruza o rio né, quando vinha de lá as vez tava uma enchente ele cruzava a gente assim ó (mostra que era em cima dos ombros) com água aqui e passava de um e um a vida na verdade era essa tomava banho no rio, naquele tempo não fartava água no rio agora farta né, mas aquele tempo quando a gente era novo a gente tomava banho todo dia nos poço d’água do rio cada poço que tinha, depois que nós saimo de lá é que começou a seca e seca e seca...”¹³

Novamente o senhor Manoel, através dos relatos, leva, por alguns instantes, há um tempo e espaço diferentes. Ao falar do rio Capibaribe, em seu depoimento, demonstrou que havia água o tempo todo onde ele morava, e que a seca veio para aquela região somente após seu deslocamento para Mato Grosso.

A água tem um significado profundo para os entrevistados. Em suas memórias, a seca aparece como algo marcante, sofrido, e no depoimento de Manoel, por exemplo, há vários tempos condensados na mesma fala, que situam a

¹³ Depoimento de Manoel José do Nascimento.

questão da água e da seca. O passado ficou nas memórias juntamente com as experiências vividas, nos quais aparecem os banhos diários, as travessias pelo rio Capibaribe, que era um local de passagem obrigatória para alguns moradores da região, paisagem cotidiana e fonte fundamental de abastecimento da população:

“...quando tinha folga lavava roupa, tinha água no rio Capivari tinha o rio nesse tempo ele não secava quando ele secava aí nós abria aquelas cacimba ali tinha água debaixo raziño né abria areia a areia cobria aí nós abria catava água fazia a gente colocava um caixão assim de coisa assim na água ficava aquele cantiuzinho né daí pra vim a água colocava uma tampinha pra não cai sujeira a água é dali que vinha mesmo no nosso tempo não tinha falta d’água não nós não mas tinha muito lugar que a seca prejudicava prejudica até inda hoje né maço no nosso tempo da a donde nós morava não tinha seca porque nós tinha o rio o rio não deixava de dar água...”¹⁴

Nas palavras de Maria Olimpio, ao falar da água, observa-se que a depoente utiliza o diminutivo em vários momentos (raziño, cantiuzinho, tampinha...). A atribuição do diminutivo indica ou sugere a relação delicada, e cuidadosa com o trabalho relacionado à coleta da água.

Dona Benvinda Maria da Conceição, que veio de Manduri Pernambuco, mesmo sem conseguir se lembrar de muita coisa e com a fala desordenada e cansada, cabelos longos e esbranquiçados, também menciona a importância da água: “... Sábado Domingo, no domingo nós não ia não lavá roupa,

¹⁴ Depoimento de Maria Olimpio do Nascimento.

mas no sábado nós lavava no oio d' água, no oio d' água que tinha...Oio d' água era um troço lá que é grande poço lá furado no meio e aquilo ali era cheio direto não secava..."

Nas lembranças de Benvida há a ideia de "oio-d' água", de poços furados que estavam sempre cheios. Trabalha os diversos tempos, como o da cheia, o da fartura e o da seca, pois, os "migrantes", mesmo sem estarem em Pernambuco, sabem que a seca existe, demonstrando que estão em contato com os acontecimentos do território de origem.

As lembranças mostram que a água para os entrevistados era muito presente no cotidiano, em rios, bicas, "oio d' água", córregos, valetas entre outros. Mas a presença da água não era uniforme e as suas lembranças remetem para a diversidade da paisagem aquática presente em suas vidas, abarcando imensos rios até aqueles mais "miúdos", as bicas e os pequenos córregos. Além disso, estas lembranças também incluem disputas pela água e, sobretudo, a sua escassez. Em certas memórias é delineada a imagem de um cotidiano desprovido de abastecimento de água, tal como se observa no depoimento de Maria José do Nascimento, que, ao elogiar o passado, indica a precariedade de água, provavelmente inexistente no seu presente da Colônia:"... eu nunca precisei colocar uma lata de água na cabeça carrega né, e lá eu não dormia de noite pra carrega água não tinha água..."

Entender os olhares, gestos e palavras significa penetrar em alguns dos meandros do "outro lado da cortina", captando as diferenças dos deslocamentos populacionais internos no Brasil. Pois as falas e os gestos, por exemplo, expressam as condições de vida e as causas que trouxeram esses trabalhadores agrícolas para ocuparem parte da re-

gião de Anastácio, transformando-o num lugar para sobrevivência, e revelando problemas econômicos do país, relacionados à expropriação das pessoas e de seus locais de origem. “Carregá água” denota esforço e na fala de Maria José é um gesto quase indicador de pobreza. A água carregada por seus braços e cabeça transforma seu corpo num “condutor” de abastecimento, redução esta desnecessária nos lugares onde há água encanada.

Motivados por tradições religiosas como o catolicismo e o protestantismo, pela vida familiar e pelo fato de residirem em uma Colônia, cuja maioria da população se deslocou do Estado de Pernambuco, as mulheres e os homens do Pulador foram pouco a pouco participando da cultura regional. Passaram a ter também uma alimentação a base de carne, a tomar “tereré” e a dançar ritmos locais como polca paraguaia e vanerão. Tais comportamentos auxiliavam na sociabilidade entre os moradores da Colônia e os mato-grossenses.

A imagem do paraíso imaginado que transparece nas falas dos depoentes e que demonstraram desejos de terra fértil, de animais no quintal, de uma natureza com clima definido ganha contornos específicos com o ato do deslocamento. Em várias lembranças, a natureza tem um significado amigável, confirmado todas as vezes que eles se referem ao auxílio que ela traz para o desenvolvimento da agricultura da região. Mas, importa sublinhar aqui que as lembranças deste suposto paraíso não poderiam existir sem a presença, por vezes bastante evidente, das experiências vividas após as viagens, das lembranças trabalhadas pela memória que resignificam, sem cessar, aquilo que se viveu e o que se vive ainda hoje.

TRABALHO
E SUAS REPRESENTAÇÕES
COTIDIANO



Capítulo 2

Trabalho, Cotidiano e suas representações

“...Eu levantava cedo eu, a gente ia pra roça se não né, meu pai era muito estúpido, queria que a gente trabalhasse direto, não tinha chuva, não tinha sol, ele não sabia se a gente era mulher ou homem nesse ponto, a gente não danava com ele, a gente tinha que enfrentar, não tinha tempo pra gente, levantou pra roça...”

Depoimento de Maria José Barbosa, 2000

Foi com lembranças de mulheres como: Maria José Barbosa, de aparência saudável, forte, alegre, de olhos claros, mãe de dezesseis filhos, demonstrando muita vaidade e memória muita viva, que foi possível realizar uma reflexão sobre a participação feminina no processo de deslocamento de Pernambuco a Mato Grosso. Ao mesmo tempo, foi do testemunho de Maria Olimpio da Silva Nascimento, caprichosa, comunicativa, de pele clara, olhos brilhantes, de pulso forte e afirmativa, que se visualizou um pouco mais sobre o cotidiano da Colônia do Pulador e o envolvimento dos moradores desta Colônia com a Cidade de Anastácio.

E, ainda, foi a partir das lembranças curtas da senhora Benvinda Maria da Conceição, de estatura pequena, com as mãos ainda na enxada, realizando a limpeza do quintal, cabelos longo esbranquiçados, protegidos por um chapéu de palha, que este trabalho ganhou novos questionamentos. Antes de abordar estas lembranças é preciso sublinhar

a importância das diferenças existentes entre as imagens do passado e aquelas do presente. Assim, conforme Bosi (1994,p.55):

“... A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos parece a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se, com ela nossas ideias, nossos juízos da realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista...”

Refletindo sobre estas palavras deu-se início à observação e à busca de uma compreensão sobre as memórias das mulheres entrevistadas: suas vidas - seu relacionamento com a família, esposo, pai, filhos, vizinhos; o lazer; o trabalho; e neste, pensando também na relação casa e roça; e finalmente, na importância do sexo feminino nestes espaços, assim como na sua importância capital para a constituição da Colônia do Pulador. Aqui, trabalhar com a memória foi uma maneira de refletir sobre a diferença, a diversidade e as múltiplas histórias da Colônia do Pulador, fazendo com que “experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica” (PAOLI,1992,p.25-28).

Durante as entrevistas, os depoentes lembraram-se de forma marcante do trabalho realizado no Nordeste, da vida

na lida que começava cedo, assim como dos trabalhos domésticos. A mulher, criança menina, era vista pelo pai como um ajudante a mais na roça, na casa, no quintal e na criação dos filhos mais novos. Dona Maria José Barbosa, ao lembrar sua vida de criança, demonstrou em seus gestos e tom de voz o orgulho e também um pouco de lamento em ter ajudado o seu pai no sustento da família desde menina: "... Trabalhava mais na roça do que em casa comecei a trabalhar com treze anos, trabalhando na roça carpindo..."

Maria Olimpio, também, ao retornar as lembranças de quando era criança, relata o início na labuta: "...Sete anos, a gente ia pra roça trabalhá na roça, levantava cinco hora aí fazia a comida, comia e ia pra roça..."

Na maioria dos depoimentos, o cotidiano demarca os períodos do dia. Assim, dona Maria Olimpio em sua fala delimita esse cotidiano dizendo que levantava cedo, comia e depois ia pra roça. Experiências, como estas se fizeram presentes, também, no depoimento de Maria José Barbosa Filha, que se deslocou para Mato Grosso com seus pais quando tinha onze anos de idade. Muito tímida, ela conta: "... Eu comecei a trabalhar com onze anos; eu tomava conta dos meus irmãos e cuidava da casa, minha mãe ia trabalhá na roça, aí depois que eu fui crescendo minha mãe ficou em casa e eu fui pra roça..."

As lembranças de Maria (filha) mostraram que a mão de obra feminina na roça, na lida para auxiliar os pais no sustento da casa, não ocorreu apenas no Nordeste. Esta experiência acompanhava gerações que cresceram na Colônia do Pulador, revelando o quanto a participação da mulher na construção desta Colônia foi frequente, tanto nos cuida-

dos com o lar como no sustento familiar. A rotina feminina no Nordeste, para a maioria das depoentes, inclui levantar bem cedo, auxiliar no trabalho doméstico, na preparação da alimentação, caminhar até a roça (que poderia ser longe ou próxima) trabalhar na enxada até o horário de almoço, comer em sua marmitta, e retornar à enxada, para, ao final da tarde, retornar para casa, tomar um banho rápido, jantar e dormir. Isto se repetia durante toda a semana, diferenciando no sábado e domingo, quando utilizavam o tempo para organizar melhor a casa, o quintal, para a lavagem de roupa e um banho mais demorado. Com a face às vezes cansada, os olhos de tempo em tempo entristecidos e um sorriso sempre cortando sua fala, Maria Olimpio diz: "...era uma vida dura de muito trabalho, eu nem sabia o que era adolescência, meus finais de semana era em casa com meus irmãos e meus pais..."

Dona Maria Olimpio relatou que não sabia o que era adolescência, mas em algum lugar do passado ou do presente ela teve conhecimento do significado do termo adolescência, seja com os filhos ou com alguém que passou por essa fase da vida. Pode-se observar este conhecimento em sua fala quando diz: - "eu nem sabia o que era adolescência". Isto fez perceber que o significado do viver a adolescência para os depoentes sempre esteve ligado a um momento de muito trabalho braçal. Mesmo sendo jovens, na fase da puberdade, virilidade e mocidade, tais características serviam, no tempo passado, como aptidões para o uso de uma enxada maior e um chapéu de palha na cabeça, auxiliando na ampliação da produção da roça. Mas, no presente, reconhecem a falta de viver esse período da vida

humana, distante dos cabos das foices e das enxadas, por isso procuram oferecer aos filhos e netos mais espaço para o lazer e formação escolar.

Todavia, esta rotina pontuada por trabalho e esforço não excluía os momentos alegres. Maria Olimpio, Maria José Barbosa, Maria José Barbosa Filha, Benvinda, Margarida, seu Lalau, Manoel, Zé Camilo, ao falarem de suas lembranças, rememoraram tanto os momentos difíceis quanto os alegres de suas vidas. Tais lembranças fizeram com que o tempo passasse a emergir não como uma simples data que fez parte de um marco cronológico, mas como momentos, cheios de significados, satisfações e histórias.

Também, no ir e vir das falas de mulheres como Maria Olimpio, Maria José Barbosa, Maria José Barbosa Filha e Dona Benvinda deduz-se o papel ativo destas mulheres na construção da Colônia do Pulador. De forma simples ou não, esta participação ocorre a todo momento, pois quando elas chegaram em Mato Grosso, não só reorganizaram seu trabalho doméstico, como ainda criaram um certo domínio sobre os homens, trabalhando ou não no mesmo espaço que eles - seja na roça ou na casa de farinha.

Maria Olimpio, ao continuar sua narração, conduz a um mundo pouco divulgado. As suas lembranças do tempo de trabalho árduo na roça levam-na a falar sobre o comportamento da mulher em seu período menstrual, momento em que ela se recolhia, pois se acreditava que, neste período, o sol quente e o esforço braçal poderiam prejudicar a saúde feminina: "...Ficava uma pra cuida da casa; a minha mãe ficava né porque ela também ia carpi, ela também ia pra roça. Agora se sabe tinha uma semana que a gente ficava

em casa né a senhora sabe né? A gente ficava em casa não ia na roça, de certo não era bom né...”

Maria Olimpio fala da natureza, mas não se dá conta de que ela mesma tem um corpo que também faz parte da natureza. A depoente relata a natureza fora dela; utilizando rodeios em sua fala como: - “a senhora sabe né?”, trata-se de um “rodeio” que pede a cumplicidade de quem a entrevista. Talvez use desses rodeios devido à presença de seu esposo, naquele momento, ao seu lado, ou por ter sido educada de uma maneira que acredita que “coisas de mulheres”, como a menstruação, não se devem comentar perto de homens. Ao falar deste assunto, mostrou-se envergonhada, podendo ser isto constatado pelas suas bochechas avermelhadas e risadas tímidas durante a conversa. Dona Maria Olimpio percebe que existe o ciclo natural externo e também o ciclo natural interno. Ao usar de rodeios para falar, indica, em seu depoimento os cuidados com o período menstrual, demonstrando também, em sua fala, certo pudor em relação ao corpo.

O cotidiano das mulheres entrevistadas também se faz atravessado por diferentes experiências e representações conectadas à questão alimentar. Pode-se observar que as condições da natureza relacionam-se, por vezes, de modo bastante familiar com o cotidiano das mulheres e homens da Colônia do Pulador e suas refeições. Além disso, a terra, a chuva, o sol, o frio, o calor, as matas, os animais, os insetos interferem no modo de viver de todos, podendo ser motivo de alegria ou tristeza. Na fala de Dona Maria, por exemplo, e também na de sua filha, há diversas vezes referências a alimentos preparados graças à caça de animais ou ao pre-

paro de vegetais diversos: feijão de corda, farinha, cuscuz, angu, carne de porco, de bode e jabá. Mas, em função das mudanças climáticas, a alimentação foi adaptada de acordo com o que a terra produz. Estas famílias adaptaram-se à vida sem muitos de seus alimentos da terra de origem. Estes são substituídos por comidas típicas da região tais como carreteiro, carne com mandioca, pequi, churrasco.

Contudo, a culinária da morada anterior ao deslocamento ainda é mantida, através das mulheres da Colônia. A comida, em geral, sempre foi preparada por ela "...a mãe ficava em casa prá leva comida na roça...". E este fato se confirma, pois ao se casar, normalmente, a mulher diminui o trabalho na lida, passa a cuidar da casa, do lar, e, principalmente, da cozinha.

Assim, preservou-se, em certa medida, por meio da alimentação, o saber produzir a mandioca e preparar a farinha, pois tais habilidades são um ponto fundamental para uma boa culinária, tanto quanto preparar o cuscuz e o angu. Tais conhecimentos se mostram tão relevantes, que poderiam influenciar em um relacionamento entre homem e mulher. Maria Olimpio, falando quase sem respirar, pausando apenas para suas pequenas risadas ou suspiros, descreve como conheceu seu esposo:

"... Meu marido eu conheci na casa de farinha a gente fazia tudo a mão... A gente rapava a mandioca, arrancava a casca dela todinha aí botava na roda pra moer e o cacete de cá empurrava a mandioca com a mão ai pegava a mandioca tinha uma prensa grande com um furo no meio aí botava tinha aquela caixa em baixo aí pegava aquela caixa aí pegava uma tábua grande que tinha de madeira grossa colocava em cima daquela massa aí baixava apertando, apertando, mais tarde

ia lá tornava aperta até seca aquela massa quando secava aquela massa que dava pra peneira passava na peneira.”

Mesmo que a mulher vá para a roça, o espaço da casa de farinha também é um local de trabalho feminino, que faz parte da criação dos filhos, de se encontrarem com outras mulheres da Colônia e eventualmente se depararem com seus homens. Muito extrovertido, alegre, deixando dona Maria Olimpio com as bochechas rosadas, seu Manoel José com carinho em suas palavras e referências à companheira, relata como foi o início de seu namoro com dona Maria Olimpio:

“... deu 9 hora mais ou meno eu nem pensava nesse pesoar nem pensava ai quando foi 9 hora mais ou meno lá veio ela passava pra lá pra cá eu só oiava assim num sabe, não tem nada vê né. Mais era linda, era não é. Ai ela veio falo bom dia passou ali, passou a mão na farinha. Farinha tava quase já torrada né ai ela butou um punhado logo né, eu falei essa acompanha, essa boa porque ela come farinha né, jogou um punhado de farinha na boca e disse iiiii é boa a farinha bem torradinha já ai nós conversemo um pouquinho ali nun sabe...”

Observa-se também que a casa de farinha não é apenas um espaço doméstico, mas também público, onde as mulheres existem, socializam suas relações culturais. E onde passam o saber fazer aos filhos, à nova geração.

A cultura material neste local de trabalho é posta em movimento pelas mulheres, pois é no ambiente de trabalho, onde produzem a farinha, que elas descascam, prensam, moem e torram a mandioca. É na casa de farinha, também, que podem se aproximar do companheiro. Quan-

do dizem ao “olhar uma farinha morena”, surge o namoro de dona Maria e seu Manoel, nas palavras de seu Manoel percebe-se a sensualidade dos gestos quando ele relata que dona Maria “... passou a mão na farinha. Farinha tava quase já torrada né ai ela butou um punhado logo né, eu falei essa acompanha...”, isto demonstra que o espaço da casa de farinha também é um local de se fazer mulher e de seduzir; o espaço de trabalho torna-se local de sedução e de competência da mulher para seduzir seu companheiro.

Na Colônia, a tradição de preparar a farinha de mandioca se mantém em algumas famílias. Estas ainda plantam, colhem, descascam, moem, prensam a mandioca moída, deixam-na secar bem, e, por último, passam na peneira. Para esta produção é fundamental a existência da casa de farinha e nela de várias máquinas e ferramentas, tais como prensa, socador e peneira.

Assim, o trabalho desses homens e mulheres na Colônia tem como forte característica a agricultura. Neste contexto, a mão de obra feminina participa efetivamente, seja nos trabalhos domésticos ou na produção agrícola.

A experiência das mulheres da Colônia sugere que os lugares e papéis sociais são definidos de modo quase rígido, no qual a mulher tem a função doméstica, incluindo a culinária, embora também trabalhe na lida. Ocorre que este trabalho é sempre supervisionado e comandado pelo homem, chefe da família. Assim, por exemplo, a mulher que fica em casa além de ser a responsável pela preparação da marmitta, quando o marido chega em casa do trabalho, ele convoca a sua presença para servi-lo. Quanto às mulheres que vão para a roça, o almoço é vivido em meio ao

trabalho: homens e mulheres interrompem o serviço para almoçar, segundo as necessidades, utilizando-se de um tempo suficiente para cada um. No jantar este controle do tempo ocorre somente quando o marido chega em casa. É ele, portanto, que detém o controle do horário de jantar.

Tanto nos depoimentos masculinos como nos femininos, percebem-se as dificuldades de uma trajetória coberta pelo trabalho e o desejo de uma mudança de vida. As mulheres entrevistadas, mesmo de gerações diferentes (mãe e filha), revelam seus sentimentos relacionados à sobrecarga de precisar cuidar da casa, do quintal e da família. Até porque dependendo do trabalho, tendem ao labor duro bem cedo, quando a mulher é ainda criança. Por conseguinte, todos os depoentes admitem que tanto os homens como as mulheres da família não tiveram uma infância sem incluir o trabalho na roça, o qual influencia sobremaneira os sonhos e buscas destes personagens. Na grande maioria, por exemplo, a experiência de trabalho feminino não se construiu somente dentro da casa. Esta experiência se expandiu para o quintal, para a lavoura e terras vizinhas ou distantes.

Assim, dona Benvinda, esposa de seu Antônio Gomes de Brito – Lalau, mesmo em poucas palavras, com lembranças curtas, diminuindo seu tom de voz em alguns momentos e preocupada com a chegada do marido relembra sua infância. "... nós não brincava é com nada, quando tava desocupada, ia apanhá algodão, outros ia arrancá mandioca e era assim..."

Tanto dona Benvinda como outros depoentes anteriores têm o conhecimento de um período denominado

infância e outro de adolescência. Mas nas lembranças destes, há uma lamentação que marca fortemente a fala, pois o trabalho braçal, no cabo da enxada, na roça implica esforço e acarreta cansaço. A narrativa sobre esses momentos tende a ser tingida por um tom melancólico, dando a entender alguma “perda”. Entretanto com seus filhos e netos, pretendem zelar para que esta perda não se repita.

Em Benvinda, ao se observar a perda do “tempo de brincar”, e, por conseguinte, sua tentativa de oferecer isto às novas gerações, fica demonstrado que se conhece o significado de brincar, só que “brincavam com nada”, brincavam pouco tempo, com pouco brinquedo, mas, mesmo assim, brincavam.

A participação da mulher na sociedade, em destaque a comunidade da Colônia do Pulador, é um imenso tema de investigação histórica e antropológica, sugerindo muitas outras possibilidades de estudo. Seu trabalho na lida e no ambiente doméstico vem confirmar o quanto a mulher, mesmo quando oprimida pelo pai ou pelo marido, possui um papel social de grande relevância. Vários historiadores têm estudado o papel social da mulher na sociedade brasileira, em particular, da mulher pobre e suas condições e modos de vida. De fato, há alguns anos, os estudos sobre os modos de vida, e não necessariamente sobre os grupos e classes sociais constituídos, vêm ocupando um lugar importante nas ciências humanas¹⁵. Assim, por exemplo, como já havia sublinhado Michelle Perrot em seus estudos: “As mulheres não são passivas

¹⁵ Ver por exemplo: SANSOT, Pierre. *Les Gens de Peu*. Paris: PUF, 1991, p.13-14.

nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar sua história...” (PERROT, 1998, p.212).

A importância da mulher não cessa de ser conferida pela historiografia quando se trabalha com outras épocas e espaços sociais. Assim, por exemplo, segundo Maria Odila Silva Dias, em São Paulo, no século XIX:

“... O conflito para sobreviver de mulheres que vivem nas fimbrias do sistema que se instalam nas frestas sociais, a margem do trabalho significativo. Essas vendedoras de tabuleiros, lavadeiras de rios, têm a astúcia do camaleão, dos pequenos bichos que não pretendem vencer, mas apenas defender-se da morte...” (DIAS, 1995 ,p.253).

Diante deste conflito, caminha-se para a análise da mulher trabalhadora, antes e após o deslocamento para Mato Grosso. Antes como imposição do pai, mesmo ainda criança, auxiliava na roça, na casa e na criação dos irmãos mais novos; após o deslocamento, em alguns casos, ela sofre a imposição também do esposo.

Esta situação da mulher submissa e do marido dominador é percebida dentro da estrutura familiar dos depoentes, situação que acaba criando condições para afirmação da mulher, podendo esta ter um novo papel ativo, porém limitado. E como todas as mulheres, algumas mulheres residentes na Colônia, muitas vezes, além de serem do lar, também são dominadas e exploradas. Assim, é interessante observar que, entre grande parte das mulheres da Colônia, o casamento representou uma espécie de liberdade em relação ao domínio paterno.

Uma vez casada, trabalhando na roça, a mulher tende a se sentir, em parte, “dona do seu pedaço”, pois ela percebe que está construindo o seu próprio futuro, podendo administrar o seu lar. As diferentes tarefas realizadas pela mulher (cuidar da casa, dos filhos, entre outras) além das realizadas juntamente com os homens (trabalho na roça), são lembradas em todos os depoimentos como uma necessidade obrigatória da época. Mas ao mesmo tempo em que esse acúmulo de tarefas a torna submissa e esgota suas forças, proporciona-lhe, em muitos casos, certo domínio sobre a casa, o quintal e os filhos. Elas são “arrimos de família” e arcam com as vantagens e desvantagens desta situação. De todo modo, as lembranças desta situação não vieram juntamente com mágoa, mas sim expressando as dificuldades de um período vivido no Nordeste. Já na Colônia, este período é visto como luta para conquistar as novas terras. O trabalho, no período de construção da Colônia, funcionava de forma coletiva, familiar; os parentes se reuniam para juntos trabalharem nas terras da família. E, demonstrando orgulho, honra, dona Maria Olimpio fala da unificação de sua família para a realização do trabalho:

“...Nosso trabalho era carpiná homem mulhé da nossa casa né trabalhava na terra de nosso avô Manoel Valério da Silva a irmandade tudo era junto naquele terrero chegava em casa quatro horas ai ficava passada né não tinha rádio televisão não tinha nada nesse tempo era só fica conversando prosiá...”

Como já se mencionou, nas memórias femininas há alguns locais de trabalho, como a casa de farinha, que ser-

viam como canal de comunicação para o encontro de homens e mulheres que pertenciam a famílias diferentes ou com grau de parentesco distante, (como primos, por exemplo), podendo favorecer um casamento; e, Maria Olimpio confirma, já sem os rosados nas bochechas, o início de seu relacionamento: "...Ai conheci ele o pai dele tinha que fazê farinha na casa de farinha na minha casa que era no mesmo terreiro de nossa casa ai lá conheci ele com o oio achava a farinha gostosa né torrando né aí aquela farinha com o cheiro né aí conheci..."

Os depoimentos masculinos e femininos mostram a importância do saber fazer e do conhecer uma boa farinha, alimento de grande importância nutritiva e cultural. O saber conhecer e fazer uma boa farinha traz consigo o conhecimento de gerações passadas, fato importante no cotidiano da Colônia.

Os locais comuns de trabalho, que possibilitaram casamentos entre os moradores do local – pernambucanos com pernambucanas, conforme pode ser constatado nos registros encontrados no Cartório – estreitaram a cultura de origem, no sentido de mantê-la e disseminá-la para as futuras gerações.

A religiosidade também esteve presente na coleta dos depoimentos. A comunidade da Colônia do Pulador, na sua grande maioria, é formada por católicos e protestantes. Na Colônia, até final da década de noventa, percebe-se uma igreja católica pequena, antiga, (ao lado do velho cemitério), com um sino, pintada de cal branco, aparentemente um pouco inativa. Muitos pernambucanos iam, nos finais de semana, até a cidade de Aquidauana, para participarem da

missa realizada na Matriz e do culto da Igreja Protestante. Este momento era precioso, pois nele reuniam-se famílias e amigos que já estavam morando na cidade. Motivados pelas tradições religiosas, eles mantiveram as comemorações, festividades, as quais em finais de semana ou dias de santo acabavam reunindo homens, mulheres e crianças, aumentando a socialização do grupo e garantindo, nestes encontros, a permanência de alguns laços culturais, como aqueles da culinária e da dança. Desta maneira, o recurso à memória pode possibilitar muito mais a reflexão sobre as identidades individuais e coletivas dos residentes da Colônia, pois como demonstra Ecléa Bosi (1994) “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

Assim, por exemplo, seu Manoel, saudoso, rememora o período das festas natalinas e juninas tomando, como referência, o local de realização das festas na “igreja ali”, localizada na Colônia, com a participação da família e dos amigos; comemorações que nos dias atuais não acontecem mais com o esplendor de antes: “...Aqui tinha festas boa, festa de fim de ano, festa de São João, ali naquela igreja ali fazia cada festa que era a coisa mais bonita...”

Já dona Maria José Barbosa, ainda com muita energia, imitando alguns passos de dança, em seu depoimento, relata as festas mais cotidianas, como o forró, quando vivia dançando, pois com a saúde fraca do esposo, ficou a saudade do “pé de dança”：“...não saia do forró, não vou mais porque meu veio vive doente, se não fosse ele nós ainda

tava no forró, dancei muito eu dançava samba, marcha, valsa, isso ai saiu eu tava dançando né...”

A participação das mulheres nestas festividades foi fundamental para a permanência dentro da Colônia dos costumes trazidos de Pernambuco. As festas tornavam-se momentos prazerosos, de encontros e de descanso do trabalho. A simplicidade destes momentos de cantoria, das festas, servia, também, como ponto de encontro de famílias, vizinhos que se reuniam nos terrenos para poderem trocar suas experiências. Novamente a natureza faz parte das memórias aqui trabalhadas, interferindo nas atividades, através de uma brisa suave, uma chuva ou de uma lua cheia, formosa e brilhante que refletia a claridade necessária para as brincadeiras de roda, cantigas, já que não havia energia elétrica na região durante as décadas passadas.

Os laços de festividades permanecem na Colônia enquanto os moradores reunidos garantiam/garantem seus encontros. Além das festas natalinas, comemoradas até os dias atuais nas casas com os familiares e mesa farta, oração e muita dança, havia também as festas do mês de maio, referentes a Maria de Nazaré, mãe de Jesus Cristo, comemorada com a realização de novenas e cânticos religiosos. Havia festas juninas, que aconteciam no mês de junho em torno de fogueiras, bandeirolas, comidas típicas como cuscuz, bolinho caipira, pamonha, além do quentão e o vinho quente. A frequência das festas juninas já não é tão importante como no passado, quando elas atraíam até os moradores da cidade. Atualmente elas são lembradas de maneira simbólica.

1. Extensões Corporais

O universo dos homens e mulheres da Colônia é moldado por representações e práticas de um cotidiano de trabalho que, para a grande maioria, foi uma atividade desenvolvida desde criança em propriedades rurais, ou, como eles chamam, na roça, debaixo do sol quente e com as mãos no cabo da enxada. A vivência destes personagens históricos seguia a rotina da roça, casa, rua e quintal. A passagem por estes espaços foi ponto de construção de personalidades, sonhos e desejos. Neste contexto, a análise corporal torna-se relevante; enfocando marcas, gestos, vestimentas, faces e comportamento.

Os corpos destes homens e mulheres também são representantes de um processo de conquistas e perdas sociais. Nas extensões corporais, por exemplo, observa-se o quanto eles estão expostos às intervenções climáticas e isto é manifestado, também, no comportamento, nas roupas, nos olhares, na pele e no falar. A luta para garantir a sobrevivência no Nordeste e, em seguida, a construção e permanência na Colônia do Pulador interferiram nos corpos masculinos e femininos. Ao observar Dona Maria José Barbosa em sua espontaneidade, por exemplo, vê-se uma pele clara, porém queimada, amorenada pelo sol quente, acompanhada de muitas rugas, que demonstram vestígios de um passado representado por muita labuta. Maria também reflete em seu corpo um brilho feminino que se repete nas mulheres entrevistadas: em geral alegres, elas mostraram em seus rostos muita simpatia e vontade de viver com diversão e lazer.

Nos encontros, Dona Maria José Barbosa estava usando vestimentas floridas, limpas e simples, cabelos penteados e as unhas bem pintadas, sugerindo um toque de vaidade, para disfarçar os pés calejados e as mãos enrugadas. A face de Dona Maria estampa uma tranquila satisfação com a vida; pois a dança e a alegria fizeram parte de seus dias livres. De olhos claros, a vaidade também é um pouco visível ao querer destacar seus lábios com suaves tons avermelhados. Além de ser uma mulher de pouca estatura, não magra, cabelos esbranquiçados, bela aos nossos olhos, ela também tem um comportamento que faz de sua companhia algo agradável e alegre. Ao falar, gesticula bastante e, sem menos se esperar, solta risadas que quebram a seriedade do ambiente. Com trajés simples, andar vagaroso, Dona Maria senta, à vontade, com pernas soltas no seu banco de madeira predileto, sob a sombra de uma grande árvore. Com a fala composta de palavras triviais, dona Maria adquire a imagem de uma mulher que passou pelo processo de deslocamento, mas conquistou parte de seu sonho imaginado, ou seja, aquele segundo o qual ao mudar-se de Surubim para a Colônia do Pulador, ela, Maria José Barbosa, estaria deixando uma vida de muita labuta e riscos na plantação, enquanto que, em Mato Grosso, devido ao clima definido e terra fértil, conseguiria e conseguiu plantar, cultivar, colher e vender, podendo oferecer, então, uma alimentação mais variada aos filhos e melhor condição de vida.

No entanto, encontram-se em outras mulheres corpos que possuem marcas mais visíveis de um passado vivido com muito trabalho e fortes laços familiares. O compor-

tamento de algumas delas mostram que ainda acreditam em mudanças sociais. Entre estas, Dona Margarida mostrou um rosto descontente e olhos lacrimejantes. Em sua fala, pode-se perceber certa formação política, e com gestos duros, tal como o frequente bater das mãos sobre algum objeto ou parte do corpo, demonstrou o medo do não desenvolvimento da Colônia, do risco de perder o que tem. Mulher pequena e franzina, ela portava trajes simples que demonstraram seu envolvimento com o trabalho doméstico. Diferente de Dona Maria José, mostrou-se uma mulher menos risonha. Ocupada com o papel de esposa e mãe, preocupada sempre em não demonstrar as formas de seu corpo, de sorriso pequeno, tom de voz baixo, refletindo a imagem de uma esposa obediente, mas também de uma mulher que se preocupa com novas conquistas sociais da Colônia, que, para ela, partem das conquistas políticas.

Dona Maria José Barbosa demonstra que a memória não é só fala, mas também gestos e movimentos físicos e, neste caso, sua postura corporal parece confirmar o que por ela é lembrado e narrado. Seu corpo parece se identificar completamente com sua história, confirmando com gestos discretos e por vezes econômicos, no ritmo e na variação, tudo o que pensa sobre o tempo presente. As marcas corporais e os gestos que usa demonstram como as lembranças e sensações experimentadas, antes e depois do processo de deslocamento para Mato Grosso, ainda são vivas na memória, seja pela dor no braço de carregar uma criança durante a viagem, ou nas rugas escaldadas pelo sol, nos calos das mãos criados pela repetição constante do

uso da enxada, e nas cicatrizes deixadas pelos capins cortantes e instrumentos afiados, como o facão e a foice, em suas pernas. Tudo isso evidencia uma aparência delineada pela labuta e uma fala que a ela se curva, não com raiva nem ressentimento, apenas com um conformismo, também discreto.

Os homens também exibem em seus corpos marcas da exposição ao sol quente, vento, fatores da natureza que podem ser percebidos nos traços enrugados deixados nas faces trabalhadoras, nas mãos grossas do manuseio diário da enxada, na pele queimada pelo sol, nos pés sofridos pelo calçar das botas ou dos chinelos.

Durante as entrevistas e conversas informais, com um olhar de historiadora lançado sobre os entrevistados, desejoso de captar minúcias e sutilezas, observa-se que estes homens possuem em seus corpos registros de labuta rural ativa, confirmados em seus trajés riscados pelo trabalho, nas calças e camisas molhadas pelo suor exalado sob o imenso calor da região. Desta maneira, encontram-se seu Camilo e seu Lalau, que retornavam dos afazeres de suas propriedades quando com eles mantivemos vários contatos.

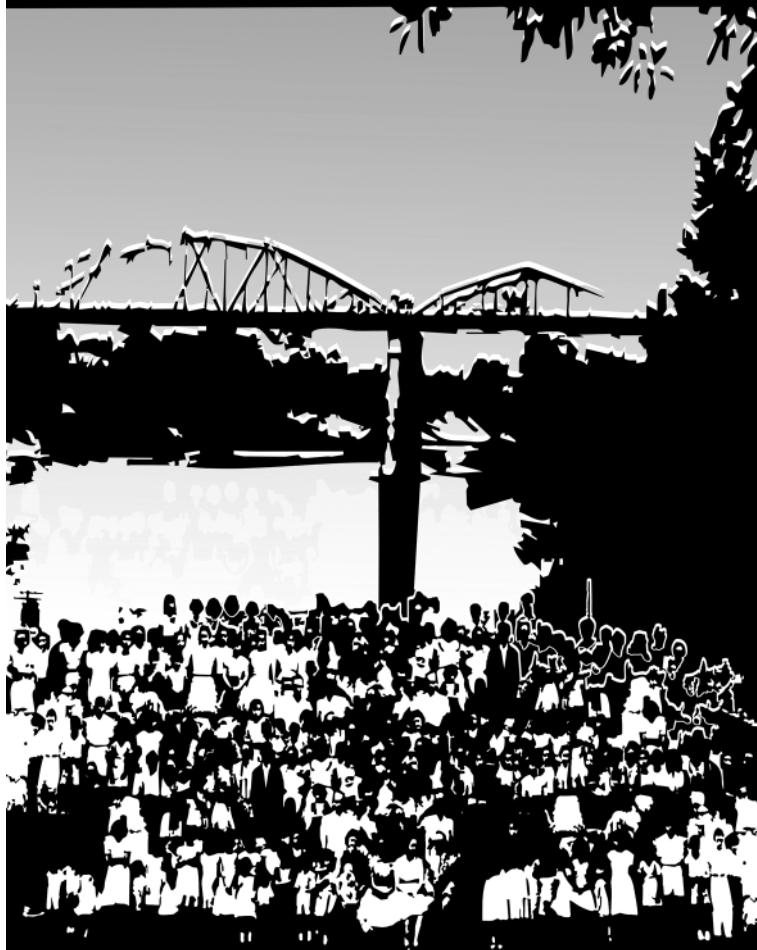
A postura masculina, de homem, senhor do lar, com voz forte / grossa, fala afirmativa, olhar firme, sem piscar, direcionado para um ponto só, são características marcantes de vários entrevistados. Em ambos, percebe-se, na postura, a representação de domínio, como se nos dissessem: "eu sou o senhor deste lar". No entanto, analisar os gestos, as posturas e, em suma, o corpo e seus modos de expressão é uma tarefa, por vezes, "resistente" às inter-

pretações discursivas. Como sublinha SANT'ANNA (2000), "à primeira vista, o corpo é o que há de mais concreto e natural ao homem. Todavia, basta refletir com um certo vagar a seu respeito para que ele se revele surpreendente e desconhecido, resistente ao discurso, silencioso". Assim, nem tudo na aparência masculina revela dominação e força. Como salientou VIGARELLO(2000,p. 225-233), o corpo mostra, mas também esconde. Há corpos masculinos doentes e há aqueles que, como o do senhor Manoel, expressam em gestos e palavras uma grande ternura, seja pela companheira ou pelo trato com o mundo. A fala do senhor Manoel é atravessada por um despojamento alegre, pontuada por movimentos bastante flexíveis da cabeça, do tronco e dos membros. Parece que dança ao falar e gesticular.

Também, em função do clima, do tipo de trabalho e da condição de ventilação (natural) das residências, o limpo e o sujo também fazem parte do cotidiano destes corpos, pois, o calor regional faz com que o banho de água fria seja realizado em diferentes horários do dia, tanto pelos homens como pelas mulheres. As vestes são feitas, em geral, de tecidos leves e os sapatos são abertos, as blusas e os vestidos, cavados.

Tanto os corpos como os comportamentos foram marcados por tradições culturais, valores sociais, processos expostos a um mundo de trabalho e conquistas. Os corpos dos depoentes tornam-se, desta forma, também, representantes de um processo de conquistas sociais, que constituiu a Colônia do Pulador, uma espécie de arquivo de suas lembranças.

COLÔNIA E CIDADE



Capítulo 3

Colônia e Cidade

“...Forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um “texto” urbano que escrevem sem poder tê-lo. Esses praticantes jogam com os espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como o corpo a corpo amoroso”

CERTEAU, 1994.

Para compreender os espaços como lugares de movimentações e construções de práticas sociais, Michel de Certeau (1994,p.171) com sua maneira de ver a cidade foi de grande auxílio na busca das relações da Colônia do Pulador e a cidade de Anastácio.

Embora Certeau (1994,p.21-31) se refira, em geral, a grandes metrópoles, suas reflexões sobre o “andar andante”, o observar além do olhar panorâmico, auxiliaram na análise do urbano como espaço histórico e numa percepção disto que ele chama de “poética do detalhe”. Para trabalhar a relação da Colônia do Pulador com a cidade de Anastácio foi necessário andar junto com seus habitantes-passantes, no nível do chão, para recuperar os diversos lugares construídos no cotidiano. As entrevistas longas ocorreram nos quintais dos moradores, mas as conversas rápidas se espalharam por vários locais e ocorreram também durante algumas caminhadas, especialmente quando

alguns residentes da Colônia nos acompanhavam nas visitas de apresentação dos seus vizinhos e conhecidos.

A partir destas "andanças", procurou-se vivenciar mais a cidade de Anastácio, percebendo a influência dos homens da Colônia na construção da cidade, seja pela administração municipal elegendo vereadores e prefeitos residentes da Colônia, seja no comércio fixo ou ambulante¹⁶.

Foi na dinâmica da cidade, percorrida a pé, que se percebeu a circularidade do espaço e do tempo nas diferentes maneiras de viver o presente e também o passado. Mais do que circularidade, várias vezes notou-se, de fato, hibridismos entre tempos e valores diferentes. Isto fez com que se observassem os personagens históricos da Colônia como parte da história do município de Anastácio. Por conseguinte, compreende-se a cidade como um lugar de transformações que se desenvolvem no decorrer do seu percurso histórico, e como um lugar repleto de culturas diferentes, onde há lembranças representadas nos corpos, nas ruas, praças, monumentos, em seus passantes, moradores e idealizadores. Pois:

"a ideia da cidade é uma construção dos homens, não sendo apenas racional. Ela é a memória organizada e construção convencional. A mudança é a característica das cidades, mas toda mudança tem história e personagens, além de uma trama de desejos individuais e de projetos" (RAMONEDA, 1994, p. 18).

¹⁶ Ao andar pela cidade passei também a olhar a cidade com outros olhos, buscando o povo na rua, tarefa esta não fácil; para mim, tendo que primeiro abandonar conceitos; buscando nas ruas multidões anônimas (NEVES,1994).

Várias experiências culturais interagem num mesmo bairro, rua ou cidade. Assim, conforme Marilena Chauí (1999, p.37-47):

“...a cultura é mais do que belas artes. É memória, é política, é trabalho, é história, é técnica, é cozinha, é vestuário, é religião, é festa, etc. .Ali onde seres humanos criaram símbolos, valores, práticas, há cultura. Ali onde é criado o sentido tempo, do visível e do invisível, do sagrado e do profano, do prazer e do desejo, da beleza e da feiúra, da bondade e da maldade, da justiça e da injustiça, ali há cultura...”.

A compreensão de cultura como sendo todas as ações e atribuições do homem, leva a pensar as memórias atribuídas pelos “migrantes” na relação Colônia e Cidade, como parte integrante do patrimônio cultural e afetivo daquela região.

Assim, nas lembranças destes personagens, estão muito presentes as imagens de espaço urbano. Inicialmente, há lembranças sobre a cidade de Aquidauana e sobre o Bairro da Margem Esquerda, como pontos de chegada e de passagem. Seu Manoel José do Nascimento, por exemplo, lembra de sua viagem para Mato Grosso como se estivesse, no momento da conversa, vivendo pela primeira vez cada experiência da chegada na Colônia: “... quando nós chegamo na estação... ai nós fomo pra casa de Apricio, até a hora que chegou uma carreta do Pulador...” Os amigos e conhecidos funcionavam várias vezes como cartões de visitas da cidade. Mas o comércio da cidade foi um grande portal para aumentar a relação dos moradores urbanos com os da Colônia; após cada colheita de mandioca, aba-

caxi e de tudo que pudessem produzir, os pernambucanos carregavam suas carroças (alguns, sua carreta) e partiam para a cidade. No caso da família de Manoel, por exemplo, a produção era levada para a cidade de carreta:

“...Nóis vendia a troco de comida a troco de dinheiro era muito pouco o meu pai já vinha de carreta pra cidade uma carreta com 20 ou 30 saca de milho chegava numa casa que chamava casa Cândia ele vendia né, pagava uma conta de um ano , né pagava pra fica comprando novamente e o resto do dinheiro ele ia compra roupa pros fio em casa pra nós tudo. Nóis vendia também na casa Bom Bosco que era irmão do dono da casa Cândia que chamava Chico Bosco vendia numa casa de um turco que chamava de Huad não sei de que lá e comprava de meu pai agora esses comprava e pagava em dinheiro ai compro esse terreno lá...”

No decorrer da entrevista de seu Manoel, a cidade aparece como sendo um entreposto comercial. Observa-se que o comércio funcionava, em sua maioria, à base de troca de produtos, ou seja, os moradores da Colônia se alimentavam, vestiam-se, sobreviviam durante o ano todo com produtos de casas comerciais da cidade; e, conforme depoimentos, estes estabelecimentos aguardavam o pagamento dos migrantes na ocasião do término da colheita, para então receberem / trocarem a dívida com os produtos da plantação. Além do sistema de troca, havia, também, o comércio com a moeda. Em alguns pontos comerciais se mantinha a relação de compra e venda, e, na maioria desses casos, o dinheiro era acumulado pelos "migrantes" para aquisição da posse de terras.

Durante as décadas de 60 e 70, a Colônia foi crescendo, aumentando. A produção agrícola, a relação comercial com os produtos da roça, tendeu a se tornar mais cotidiana. Esta relação foi estreitando cada vez mais o canal de comunicação da Colônia com a cidade. Com o passar do tempo, os homens e mulheres residentes na Colônia do Pulador partiam para a cidade e tornavam-se moradores, comerciantes, trabalhando em estabelecimentos, como botequins e bares, que vendiam produtos de origem da cultura da região do Nordeste: farinha, jabá, bebidas. Estes locais davam origem ao que chamamos de “casas do norte”, normalmente frequentadas, em sua maioria, por conterrâneos que já habitavam a cidade.

1. A cidade de Anastácio

Durante as décadas de 1950 e 1960, os trabalhadores oriundos de Pernambuco chegaram em massa à procura de novas e promissoras terras, na região de Anastácio, localizada no Centro Oeste do país. O povoamento desta região é antigo; na verdade, a povoação da Margem Esquerda¹⁷ do rio Aquidauana tem início por volta de 1870, por ser próxima de uma rede fluvial, que poderia beneficiar os negócios dos que ali habitassem.

Anastácio tem sua origem marcada pela cidade de Aquidauana. Foi na Margem Esquerda do rio que nasceram os primeiros comércios. Mas, com a entrada da Estrada de

¹⁷ A atual cidade de Anastácio era um bairro do município de Aquidauana, que se chamava Margem Esquerda, por estar do outro lado do rio, que hoje é a divisa das duas cidades, sendo Aquidauana situada na margem direita e Anastácio na margem esquerda do rio.

Ferro Noroeste do Brasil, o centro passou a ser a Margem Direita (Aquidauana), pois a estação do trem, tanto para carga como para passageiros, situa-se em Aquidauana, onde também desembarcavam os “migrantes” que vinham para a região e dali se espalhavam, muitos indo para a Colônia do Pulador. A estação passou a ser também um local de encontro entre as pessoas que já estavam na Colônia e as que chegavam.

Como em várias cidades brasileiras, a estação de trem era, habitualmente, considerada um importante lugar de referência para habitantes locais e para viajantes, um ponto de encontro e de recebimento de informações. Assim, quando Manoel José do Nascimento, por exemplo, chegou em Aquidauana, conta que:

“... de lá aqui foi dois dias eu acho que foi um dia e meio eu não lembro direito aqui nós decemo na estação o meu tio irmão de meu pai morava bem pertinho da estação ai quando nós chegemo na estação tava um sobrinho de meu pai que era filho do veio que morava perto, tava esperando o meu tio era o Apricio veio o fio dele esperá a gente na estação porque sabia que nós ia chega...”.

A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil foi inaugurada no dia 14 de outubro de 1914, entretanto, antes desta, já no dia 10 de setembro de 1911, a chamada vila de Aquidauana já festejava a primeira locomotiva que tinha como destino Itapura – Corumbá (ROBBA, 1992, p.77). A estação de Aquidauana funcionava para embarque e desembarque de passageiros e de cargas. Atualmente, esta atende somente à segunda opção; mas ainda pode-se observar a beleza de

sua construção: as escadarias que servem para o comércio indígena, em que, principalmente, índias da região, como as terenas, por exemplo, vendem legumes, verduras, plantas medicinais e ornamentais - no passado eram degraus de esperança. Causa surpresa o silêncio dos depoentes acerca da presença indígena, componente significativo da população, que circula pelas cidades. Nenhum deles mencionou os índios ou "bugres" (tal como descendentes indígenas são chamados) que são agricultores locais. Tem-se a impressão de que os Terena não existiam naquela região, se tomar como referência os depoimentos coletados.

Nas memórias trabalhadas observa-se que o silêncio sobre os índios da região pode existir como uma maneira de dizer que o espaço ao redor dos depoentes é do domínio deles. Na cidade de Anastácio, o índio está presente em todos os lugares, e os cidadãos dão, a estes, trabalhos e também os "domesticam". O índio não é visto por estes homens como algo que ameaça, ou como um grupo problemático. Ao contrário, são vistos pela sociedade local como mão de obra braçal, seja na limpeza do quintal da casa, seja no carregamento do caminhão de manga entre outros serviços.

Mas retomando a Estação de Trem em Aquidauana – antiga Noroeste do Brasil - hoje privatizada, há banquinhos de madeira e um contorno de ferro no interior da estação. No passado, senhoras, crianças e homens esperavam ali até o horário de embarque. Hoje estes bancos estão sós, às vezes servindo de cama para um cidadão sem lar; as bilheterias que viviam cercadas por filas, ficaram vazias, abandonadas, enferrujadas; os vagões de alguns trens per-

manecem no local, mas também estão abandonados, sem utilidade. Já os trilhos, em curtos trechos renovados, servem apenas para os trens de carga, que carregam madeiras e minerais da região. Toda essa paisagem deixa a marca da saudade do caminho percorrido, nesta estrada, por “migrantes”, mato-grossenses e turistas que puderam apreciar o trem do pantanal. A população regional é formada por indígenas e povos de diversas regiões do Brasil, principalmente os pernambucanos.

O município de Anastácio foi emancipado de Aquidauana na década de 60. Esta ocorreu após a organização da população, resultando no desmembramento do chamado Bairro da Margem Esquerda da cidade de Aquidauana surgindo assim a cidade de Anastácio.

Existem diferentes versões para que houvesse este desmembramento. Alarico David Medeiros Sobrinho explica esta emancipação. Homem alegre, simpático, atencioso, de boas vestes, de estatura média, cabelos esbranquiçados, pele clara e muito comunicativo; sul mato-grossense da cidade de Nioaque, ex-prefeito da cidade de Anastácio, diz que:

“...A Margem Esquerda, hoje Anastácio, era um bairro de Aquidauana, reduto total do Partido Social Democrata, pois mesmo quando a União Democrática ganhava as eleições, na Margem Esquerda estes sempre perdiam, nunca eram beneficiados, fato este que transformou a Margem em uma “pulga na camisola” da UDN. Diante dessa situação resolveram ver - se livres deste reduto. Usando do Deputado Hugo Corrêa, ex -exato de Aquidauana, apresentou-se o projeto de criação do Distrito de Anastácio, para depois emancipá-lo como município...”

O senhor Alcebíades Alves de Albres, que nasceu na cidade de Anastácio, no ano de 1931, ex-prefeito, e vice-prefeito e ex-vereador também de aparência muito gentil, alegre, de bigode, sempre sorridente, relata que:

“... O motivo da emancipação da Margem Esquerda, ocorreu em função das benfeitorias do bairro atenderem somente à Margem Direita (Aquidauana), ou seja, arrecadava-se dinheiro dos moradores e beneficiava-se apenas uma margem, fazendo com que a luta pela emancipação da Margem Esquerda surgisse em virtude do prejuízo que a população estava tendo pela maneira com que os administradores vinham direcionando os recursos para a margem direita do rio Aquidauana...”

Estas diferentes versões referentes à emancipação do município de Anastácio, que perpassam pelas diferenças políticas e partidárias, assim como o desempenho da população e a arrecadação de impostos, têm sua importância, e, unificadas, explicam os motivos do desmembramento do município.

2. A Colônia do Pulador e as lembranças de Pernambuco

Nas andanças pela Colônia, observa-se que os espaços próximos à igreja e à escola – locais considerados como centro da Colônia – as casas são bem próximas umas das outras e as ruas mais largas e movimentadas; mas, ao caminhar Colônia adentro, as casas vão se distanciando. Assim, o que era um quintal pequeno passa a ser sítio e chácara; as ruas às vezes se estreitam ou se alargam. Todo cami-

nho é contornado por pastagem, algumas árvores e cercas de arame para demarcarem os limites das propriedades. De vez em quando, há um “buteco”, onde se pode saciar a sede e observar os homens que ali se encontram para tomar o tereré, sua pinga ou somente para conversarem. O contato com os mesmos, aliás, acabou auxiliando na busca de novos depoentes.

Percebe-se que nas lembranças dos trabalhadores pernambucanos estão presentes as dificuldades que eles encontraram em relação ao espaço físico, em Mato Grosso. Eles encontraram um espaço pouco habitado, as casas eram construídas distantes umas das outras, “léguas de distância”, não existiam ruas definidas, somente trilhas, muita mata virgem e animais regionais.

Manoel José do Nascimento, por exemplo, em um dos trechos de sua narrativa demonstra como era o espaço da Colônia ao chegarem de Pernambuco. Ele fala da riqueza da água e da pouca população:

“... morava gente longe um dos outro que era terra largada, terra perto lá naqueles tempo não fechava terra era tudo aberto i morava longe uns dos outro e era pouca gente lá morava muito longe uns dos outro era só cerrado era só mato naqueles córrego corria água i minha nossa aqueles córrego aqueles riacho de córrego correndo água dentro do mato aquele lugar que não via nem a água correndo dentro do mato...”

Existia muita fauna e flora nas terras da Colônia do Pualador que, com o tempo e com a chegada de mais habitantes foram divididas em sítios e chácaras.

As famílias que chegavam à Colônia não possuíam muitas condições econômicas. O trabalho ocorria na agricultura, onde os homens e mulheres trabalhavam em suas terras ou naquelas de familiares, colhendo o que produziam para venderem na cidade. Dona Maria Olimpio confirma esta experiência dizendo: "...trabalhava pra gente, nós plantava, nós colhia, era nosso, nunca trabaiaava diário..."

Outros vendiam, alugavam sua mão de obra para fazendeiros da região, em diárias ou semanalmente, recebendo em torno de "cinco mirreiros" antigos pela semana, estabelecendo assim uma relação de patronato (patrão e empregado). Enquanto a mulher cuidava da casa e das terras do quintal, o homem trabalhava em terras de terceiros. Normalmente, enquanto o trabalho masculino era alugado, a mulher se incumbia de cuidar da casa, dos filhos e do cultivo de sua subsistência. Na maioria desses quintais, cultivados em geral por mulheres, plantava-se a mandioca da qual se produzia a farinha que era utilizada nas refeições diárias, enquanto os farelos eram vendidos para alimentação de animais, auxiliando assim o sustento da casa.

Vivências como estas podem ser observadas em outros trabalhos, tais como o de Célia Toledo Lucena (1998,p.397-413), por exemplo, que ao se reportar ao estudo de memórias de famílias migrantes, demonstra a importância do trabalho e da terra, que passa a ter um significado de território familiar, do qual fazem parte a casa, a família, as plantações.

Os homens e mulheres trabalhadores da Colônia também organizavam progressivamente seus territórios, tanto o doméstico quanto o da Colônia, como demonstra Maria Olimpio: "...era longe as casas uma da outra, só nós da

nossa família fizemo uma ruazinha, um caminho a família toda morou umas casinha perto uma da outra né tudo um quintal perto da outra”.

O relato de Dona Maria Olimpio mostra uma das maneiras que os trabalhadores da Colônia encontraram para organizar suas terras, terrenos e quintais; conforme os familiares chegavam ao Pulador, iam construindo suas casas próximas a dos familiares. Morar próximos uns dos outros implicava uma melhor organização e divisão do trabalho para o cultivo das terras, a garantia dos costumes, das tradições familiares e evitava o isolamento social. E, principalmente, residindo perto uns dos outros criava-se a possibilidade de manter um mecanismo de ajuda mútua para o enriquecimento e para obtenção de melhores condições sociais da família.

Nesta perspectiva, depois que chegavam e se estabilizavam na Colônia, preocupavam-se em buscar os outros familiares que na região do Nordeste ficaram. Seu Manoel demonstra em sua fala que ter parentes em Mato Grosso era um incentivo para o deslocamento do restante da família:

“...Porque ele tinha 2 irmão aqui tinha um que chamava Fabrício Ferreira tem filhos dele ai neto sabe era o mais velho da família era o irmão dele, quando meu pai veio pra qui já fazia quase trinta ano que ele tava aqui, meu pai veio pra qui porque ele chamou i outro irmão de meu pai um mais novo morava lá no Pulador escreveu pra ele e chamou ele pra i pra qui vem pra qui porque aqui é bom aqui se chove aqui dá tudo que se planta é uma terra muito boa e vem pra cá com a família mora aqui fazia oito ano que ele tinha vindo de lá num sabe porque o outro irmão já tava aqui

fazia tempo ai ele veio, o meu pai quando veio com a família tudo..."

Ao buscarem seus familiares, realizavam, como já se relatou, a divulgação das terras mato-grossense. E, assim, as famílias iam criando novas raízes na região, produzindo em suas terras, mesmo que inicialmente seu trabalho visasse apenas à subsistência familiar. Assim, foram pouco a pouco construindo a Colônia do Pulador.

Mas ao chegarem nas terras mato-grossenses, a maioria desses homens tinha que adquirir suas terras, e pagar por elas, como foi o caso de Maria José Barbosa e seu esposo:

"... cem mirreis, era mirreis, comprou do Zé Lalau ... quando chegamo aqui tinha casa, colégio, no jatobá tinha o primeiro coléginho tinha lá, e a gente paramos lá, outras famílias foi na casa de conhecidos, esparramo tudo, depois meu véio comprou essa terra aqui e fizemo o rancho..."

Antes de chamarem de casa, a residência tendia a ser chamada, primeiro, de rancho. Para Maria José Barbosa rancho era, ainda, a casa com cobertura de palha, e não de telha de barro, com "chão batido", sem piso, ou seja, a "casa inicial" na Colônia. Ao mesmo tempo, o valor pago pelos migrantes nas terras variava de acordo com a quantidade de hectares adquiridos. Por exemplo, as terras compradas pelo tio de dona Maria Olimpio, tinham setenta hectares custando aproximadamente "sete contons de réis", com pagamento à vista. No depoimento de Maria Olimpio observa-se que, na década de 60, a Colônia já tinha seu colégio, construído próximo à igreja e ao cemitério, em um terreno grande com

muitas mangueiras; bem como inúmeros moradores, que já haviam se deslocado de Pernambuco para a região Centro Oeste do Brasil. Esta região do país se modificou significativamente a partir da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que teve seu início em 1908, nos extremos do Estado de Mato Grosso (Três Lagoas e Porto Esperança), cortando, em 1911, a região de Aquidauana (ROBBA, 1992, p.147), onde fica também a cidade de Anastácio. A localização desta via de transporte era considerada bastante favorável: "...a cidade tem um clima bastante saudável é bem alinhada e em constante aumento, pois além da estrada de ferro é também ponto terminal de navegação fluvial e o empório comercial de grande parte do Oeste do Estado..."¹⁸

Além da estrada de Ferro Noroeste e da nova localização da capital do país, a cidade de Brasília, a divulgação das terras mato-grossenses cresceu por meio da ação dos "divulgadores de terras" que tinham como missão encomendada por alguns fazendeiros viajar e divulgar a região. Mas estes não foram os mecanismos de maior divulgação das terras do Pulador; o deslocamento para Anastácio teve seus maiores pontos de divulgação nas décadas de 30, 40, 50 e 60 e isto devido ao trabalho dos próprios "migrantes" que aqui chegavam e através de cartas e visitas. Nas correspondências, por exemplo, era narrada aos parentes e amigos do Nordeste a fertilidade e a prosperidade da região mato-grossense.

Pode-se observar em algumas entrevistas a experiência e o sentimento relacionado ao território de origem e dona

¹⁸ Palavras do engenheiro chefe da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil Dr. Silvio Sain't. IN: ROBBA, 1992.

Maria José Barbosa já com a fala cansada, reafirma que seu cotidiano era dominado pelo trabalho: "... trabaiava até o por do sol, chegava em casa tomava um banho e ia dormir, no outro dia cedinho a mesma coisa, de segunda a sábado isto, só tinha o domingo pra descansar a gente tomava nosso banho direito e lavava a nossa roupa..."

Em todos os depoimentos encontram-se lembranças do território passado, seja relacionado ao trabalho, seja ao cotidiano. O que se deve ressaltar é que este território – Pernambuco - faz parte das lembranças diárias dos "migrantes" e, em geral, ele está associado a muito esforço no trabalho e a um tempo escasso para o repouso.

Nas idas e vindas à Colônia do Pulador, pode-se observar a simplicidade das moradias. Sempre limpas e organizadas, são equipadas com televisão ou rádio para se escutar as notícias e músicas da cidade. O fogão de lenha faz parte destes lares, mas sempre acompanhado do fogão a gás e da geladeira para conservar os alimentos e gelar a água do tereré¹⁹. Um outro objeto encontrado em todas as residências é a famosa rede que serve para o descanso, embora a cama também faça parte de sua morada.

A convivência com lembranças do passado e experiências do presente resultam nas artes de conciliar o uso da

¹⁹ Tereré é o nome atribuído a uma bebida tomada em uma forma de ritual realizado pelos mato-grossenses, onde sentados em círculo pessoas pegam uma cuia, colocam uma erva semelhante à utilizada no chimarrão e uma bomba para sugar a água gelada que deve ser colocada sobre na erva, passando este recipiente a cada um dos membros do grupo, até completar o que se denomina "rodada de tereré". Esta bebida serve para aliviar o calor e matar a sede.

rede com a cama, do fogão a gás com o fogão a lenha, na própria maneira de organização dentro de suas casas e na convivência deles com diferentes objetos e culturas; o fato de eles tomarem o tereré (que nunca viram antes) e a necessidade da geladeira, para gelar a água desta bebida, juntam-se ao convívio com a farinha de mandioca, o jabá e a carne seca. Há aqui uma transmissão dos hábitos passados e seu hibridismo com experiências mais recentes, constituindo o perfil de sua cultura material e de todo o cotidiano.

O interior das residências é composto de móveis simples, peças grandes (o que se chama de cômodos, em São Paulo), quartos, sala, cozinha e banheiro. O chão de vermelhão ou piso frio faz parte das casas, altas e cobertas com telhas de barro para aliviar o calor. Para separar os cômodos, além de portas, o uso de cortinas é de grande valia, servindo segundo eles, para facilitar o trânsito do ar.

Vários objetos como vasos, imagens de Cristo, toalhinhas de crochê e tapetes são utilizados na decoração das casas que, durante o dia, são limpas e decoradas pelas mulheres que ali habitam. Por exemplo, a casa de dona Maria José Barbosa tem a imagem de Cristo na sala, toalhas sobre as mesas, tapetes na entrada de cada quarto, sala ou cozinha, com cortinas floridas na janela. Separando a sala da cozinha, além de um belo fogão de lenha aceso com panelas de ferro, há também um fogão a gás de quatro bocas coberto com uma toalha de crochê, compondo a cena sempre muito bem limpa e decorada.

À medida que a Colônia foi crescendo, algumas benfeitorias surgiram: escolas, estradas, maquinários e in-

vestimentos financeiros foram conquistados, fazendo deste local um território interessante para os políticos regionais e de grande importância em uma eleição. Com o passar dos anos, a cidade de Anastácio foi se desenvolvendo e tornando-se cada vez mais presente na vida dos moradores do Pulador. Relações de amizade vão aumentando no meio citadino, de forma a fazer do caminho da cidade algo mais frequente. É fácil perceber pernambucanos na cidade de Anastácio. No comércio, nos órgãos públicos, residências, ruas, praças, escolas, visualiza-se a presença destes homens. A busca do espaço urbano como moradia, por alguns residentes na Colônia fez com que esta presença aumentasse a partir da emancipação do município. Esse processo foi importante para o desenvolvimento do município anastaciano. O êxodo rural da Colônia para a cidade fez com que aumentasse a população urbana.

Distribuição da População Urbana e Rural da cidade de Anastácio-MS

ANO	1970	1980	1991	1996
TOTAL	15.371	21.942	19.940	21.378
Área urbana	5.045	11.832	14.376	15.797
Área rural	10.326	10.103	5.564	5.581

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Na tabela 01 verifica-se que a população urbana aumenta consideravelmente, diminuindo automaticamente a

população rural, onde está inclusa a Colônia do Pulador, uma vez que não há um controle populacional somente das Colônias.

O crescimento urbano não interfere somente na saída dos moradores da Colônia, mas também nos que lá ficaram. Manoel, por exemplo, enfatiza os moradores da Colônia como o povo que é o “trabaiio”:

“...Na Colônia do Pulador nosso povo é o trabaiio, é que naquele tempo o pessoal foi chegando trabaiava tanto no mundo, era tanto de um mandiocá bonito que era a coisa mais bonita né. E hoje em dia não existe mais porque o pessoá é só do Pulador pra cidade e da cidade pro Pulador, vendendo dois ou treis litros de leite, daí coisa, criando meia dúzia de vaca e o trabalho prá planta o que come. Ninguém mais no Pulador, a coisa mais difícil do mundo, foram matando essa força e acabaram, foram fazendo pasto das terrinha que tem é o que a gente vê da Colônia daquele tempo pra hoje...”

O trabalho foi sinônimo de construção do Pulador onde plantações imensas de mandioca davam origem à farinha e à venda na cidade; mas, com o aumento da população e a diminuição das terras de sítios para chácaras, a produção caiu e já na década de 90 viviam da agropecuária, que se vinculava ao aluguel de pastos ou criando gado de corte e de leite. Seu Antônio, demonstrando saudade, fala um pouco dessas transformações:

“...Mudou muita coisa, mudou muita coisa adepois que começou chegá nação de gente de toda parte, a covardia entrou no meio, já tem uma misturada, mas é o seguinte

é que quando eu cheguei aqui era pouca, chegava e tudo respeitava um o outro tudo tinha atenção um o outro, hoje misturou, hoje a gente tá dando conselho prá uma pessoa ele tá achando que a gente tá falando desaforo prá ele, que não é mais o tempo de conselho já é o tempo da malandragem, safadeza, que hoje o que tem no mundo é isso e eu não posso dizer mais nada que eu não aguento correr, porque se eu aguentasse correr dizia muita coisa (risos), hoje em dia a gente não pode mais nem deixar uma traia, assim no pé da parede em casa não, roubam, antigamente não, trabalhava na estrada passava aí você podia deixar enxada, foice, o machado escorado num arame, podia, passava uma semana quando fosse tava lá e hoje não pode mais fazer isso...”

Há, portanto a criação de um passado na própria Colônia, no qual tende-se a guardar um “tempo de tranquilidade”, sem roubos e sem “safadeza”. Tudo indica que, para além das transformações da Colônia, resultantes de seu crescimento, há, igualmente, uma mudança de sua imagem, em certa medida, produzida pelas informações vindas da cidade.

Pode-se observar novamente nas lembranças de seu Antônio a questão da temporalidade, que demonstra marcação do tempo entre os depoentes; o tempo do conselho, e aquele da malandragem. Da chegada de seu Antônio ao Pulador, aos dias de hoje muita coisa mudou, podendo ser observado em sua fala o que é mais recente. E mesmo não passando por um processo de deslocamento territorial, ele nos fala como se estivesse dentro de uma outra viagem, que ocorre devido às transformações na Colônia e com as quais ele não sabe lidar.

Além do desabafo pessoal, Antônio Gomes de Brito sugere que, com o desenvolvimento da região, a Colônia passou a ser habitada por povos de diferentes lugares, uma vez que as terras do Pulador tinham um custo menor, se comparado com as terras vendidas na cidade. Essa mistura fez com que o comportamento e as atitudes dos moradores da Colônia se alterassem, passando estes a ter que proteger melhor seus bens materiais, como se vê no depoimento, sobre a enxada, e os bens morais, entre outros conselhos dos mais velhos.

O paraíso imaginado e encontrado nas décadas de 30, 40, 50 e 60 foi crescendo, desenvolvendo-se e alterando-se; o que era paraíso passou a fazer parte da lembrança. A Colônia do Pulador já não é composta por somente homens e mulheres oriundos do Estado de Pernambuco; os animais já não correm mais em fatura pelos quintais, e a natureza que da terra fez nascer sonhos, desejos e muito trabalho não é tão definida como antes, fazendo com que homens como seu Manoel busquem a cidade para morar: "...Nóis saimo do Pulador porque naquele tempo veio uma seca, parece..."

O depoimento de Manoel sugere, em parte, uma certa intolerância a algumas das mudanças ocorridas na Colônia. Entre elas, destacam-se o privilégio da pecuária (gado) sobre a agricultura, a vinda de pessoas que não são apenas pernambucanas para a Colônia e a influência crescente das cidades sobre os modos de vida locais. Segundo Manoel, nesta Colônia não é mais possível viver somente da agricultura: em sua visão de mundo, a pecuária e em particular o arrendamento de pastos, hoje comum, não implica o trabalho braçal exigido pela agricultura no começo da formação da Colônia do Pulador.

Algumas Considerações

Investigar as trajetórias de vidas dos homens e mulheres que se deslocaram de Pernambuco para Mato Grosso assim como os modos de vida dos moradores da Colônia do Pulador foi uma tentativa de compreender como as lembranças do passado são recriadas e inventadas no presente.

Ao se refletir sobre as memórias, adentra-se em uma tarefa muito difícil, ou seja, a de poder observar no enredo pessoal confeccionado com gestos e palavras, a trajetória do deslocamento de Pernambuco para o Mato Grosso, bem como as formas de organização social que se estabeleceram na Colônia do Pulador até o processo de modificação desta organização. Ao mesmo tempo, interpretar o deslocamento dos homens e mulheres considerados "migrantes", na cidade de Anastácio, em Mato Grosso do Sul, é confrontar-se com a necessidade de realizar novos estudos sobre a história dos deslocamentos internos no Brasil, principalmente entre as décadas de 30 a 60, quando os chamados "espaços vazios" passam a fazer parte da política governamental. Tal confronto justifica-se na medida em que o motivo principal que levou os "migrantes" a deixarem o Estado de Pernambuco não foi a seca, mas sim a busca de uma melhor qualidade de vida, sob os mais diversos aspectos.

A história oral possibilitou o repensar deste processo de deslocamento, bem como o questionamento de estereótipos que cercam estes homens em seu território de origem. Tarefa esta árdua, porque implica interrogar também a terminologia envolvida na temática da migração.

Ainda, fontes orais permitiram não somente o conhecimento das experiências destes agentes históricos, mas também possibilitaram reflexões sobre temas ainda pouco estudados no discurso histórico regional, revelando, por meio de lembranças, gestos, da cultura material e da sensibilidade, aspectos pouco visíveis nos documentos escritos.

Ao buscar as relações entre lembranças e experiências vividas, o depoente viaja pelo passado e pelo presente levando consigo o pesquisador a percorrer caminhos diversos no ir e vir das épocas e lugares. Teve-se, portanto, como historiadora, que observar a multiplicidade do tempo e a pluralidade da memória em cada mergulho neste mar da vida, navegando junto a lembranças individuais e coletivas.

Na tentativa de analisar a arte de falar dos moradores da Colônia do Pulador, destes trabalhadores rurais que desempenharam inúmeras atividades braçais no percurso de suas vidas, percebe-se o quanto eles foram marcados pelo trabalho na infância e pela vivência do deslocamento para Mato Grosso, e ainda pela construção da Cidade de Anastácio. Teve-se um conhecimento de homens e mulheres comuns que mesclam suas vivências do passado com o presente, para conquistarem, no percurso da vida, melhores condições sociais para a família e o espaço onde vivem. Contudo, melhor condição de vida não significava apenas aumentar seus bens, adquirir fortuna e dinheiro. Significava, também, construir a Colônia, mecanizar a produção agrícola, ter uma boa colheita, dar educação escolar aos filhos e mesa farta e variada.

Nesta obra sobre memórias de uma Colônia composta somente por pessoas oriundas de Pernambuco, várias te-

máticas que dizem respeito ao processo de deslocamento interno no Brasil não foram abordadas com profundidade. São elas: as ações e concepções sociais dos homens políticos da Colônia, os cargos que ocuparam, as novas gerações que ocupam este espaço, e a atuação destes na configuração da cidade de Anastácio. Em algumas entrevistas chega-se a comentar rapidamente sobre estes problemas, mas fez-se a opção de trabalhar com as memórias dos homens e mulheres que viveram o processo de deslocamento e com aquilo que eles consideravam mais significativos e queriam contar / lembrar, sobre estas experiências.

Ao refletir sobre as experiências destes homens e mulheres da Colônia, através do processo de deslocamento e das memórias construídas, procurou-se mostrá-los como uma categoria de trabalhadores que têm suas especificidades e fazem parte da história do Brasil.

Com o término deste livro, não se encerram as problemáticas sobre o tema, pois, há uma multiplicidade de questões ainda não abordadas. Espera-se que este estudo motive outros pesquisadores a buscarem reflexões sobre esta temática e a escreverem sobre os aspectos das memórias aqui trabalhadas e, certamente, não esgotadas.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.
- BARROSO, João Carlos. *Exploração e escravidão nas agropecuárias da Amazônia mato grossense*. Campinas: UNICAMP, mestrado, 1992.
- BERNARDO, Terezinha. *Memória. Em branco e preto: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC, 1998.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade, lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRESCIANI, Stella. NAXARA, Márcia (org). *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001.
- BURKE, Peter. *Culturas populares e culturas de elite*. Maringá: UEM, 1997.
- CAUQUELIN, Anne. *L'Art Du Lieu Commun. D u bom usage de la doxa*. Paris: Seuil, 1999.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Petrópolis, Cidadania. Recife: 1990. v.01 e 02, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Política Cultural, Cultura e Patrimônio Histórico. In: *O Direito a Memória: patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, DPH, 1982.
- CORBIN, Alain. *Histoire du Sensible*. Paris: ed. La De' couverte, 2000.
- COSTA, Albertina de Oliveira. BUSCCHINI, Cristina (org.). *Rebeldia e submissão : Estudos sobre condição feminina*. São Paulo: Vértice, 1.982.

- DAVIS, Natalie Semon. Sabedoria Proverbial e Erros Populares. In: *Culturas do Povo*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DOMINGUES, Andréa Silva. *Recorte da Memória Política do Município de Anastácio*. Anastácio-MS: 1998.
- EINAUDI, Enciclopédia. *Homo – Domesticação. Cultura Material*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, v 16, 1989.
- FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História social: historiografia e pesquisa. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, n.10, 1993.
- FENELON, Déa Ribeiro. Apresentação. In: _____. *Na luta por habitação*. São Paulo: EDUC, 1995.
- FERREIRA, Jorgetânia da Silva. *Mulheres: conflitos e acomodações nas relações entre empregadas domésticas e suas patroas*. São Paulo: PUC, Mestrado, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: 1.996.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira. *Ventos do Mar: trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura urbana em Santos*. São Paulo: UNESP, 1992.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do Ouro Verde*. Campinas: UNICAMP, Mestrado, 1986.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da memória: fontes orais e relato histórico. In: *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia: Edufu, 2000.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEFORT, Claude. *As formas da história*. São Paulo: Brasiliense, cap. XII, 1979.

- LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente oeste de colonização: o comércio colonial de Mato Grosso no contexto da mineração*. Cuiabá: PROEDI, 1982.
- LUCAS, Meize Regina de Lucena. *Imagens do Moderno*. São Paulo: Ana Blume, 1998.
- LUCENA, Célia Toledo. Memórias de famílias migrantes: Imagens do lugar de origem. IN: *Revista Projeto História. Trabalhos da Memória*. São Paulo: EDUC, n.17, nov. 1998.
- MALUF, Marina. *Os ruídos da memória*. São Paulo: Ed. Siciliano, 1995.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.
- MORENO, Gislaene. *Os (dês) caminhos da apropriação capitalista da terra em Mato Grosso*. São Paulo: USP, Mestrado, 1993.
- NABÃO, Maria Tereza Papa. Algumas questões acerca da utilização das fontes orais no âmbito da pesquisa histórica. In: *Revista Pós-História*. Assis: UNESP, n. 08, 2000.
- OLIVEIRA, João Mariano de. *A esperança vem na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato grosso, o caso de Sinop*. São Paulo: USP, dissertação de Mestrado, 1996.
- PAOLI, Maria Célia et al. Pensando a Classe Operária: Os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, n. 6, 1.984.
- PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- PISCITELLI, Adriana. GREGORI, Maria Filomena (orgs). *Corporificando Gênero*. In: *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP, n.14, 2000.
- PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". In: *Revista Projeto História, Cultura e Representação*, n, 14. São Paulo: PUC, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro: UFF, n.3,1996.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- RAMONEDA, Josép. *Que es la ciudad? In: Visiones Urbanas. Europa, 1870 – 1993. La ciudad de4l artista. La ciudad Del arquitecto*. Barcelona: Centro de Cultura Contemporânea, Sociedad Editorial Electra, 1994.
- Revista Projeto História. *Cultura e trabalho*. São Paulo: EDUC, n.16. 1998.
- Revista Projeto História. *Espaço e Cultura*. São Paulo: EDUC, n.18, 1999.
- Revista Projeto História. *Ética e História Oral*. São Paulo: EDUC, n.15, 1997.
- Revista Projeto História. *Trabalhos da Memória*. São Paulo: EDUC, n.17, 1998.
- Revista Projeto História. *Campo e Cidade*. São Paulo: EDUC, n.19. 1999.

- Revista Projeto História. *História e Imagem*. São Paulo: EDUC, n. 21, 2000.
- ROBBA, Cláudio. *Aquidauana ontem e hoje*. Mato Grosso do Sul: Tribunal de Justiça, 1992.
- ROCAYOLO, Marcel. Cidade IN: *Região Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, n.8,1986.
- SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda Souza. *Gênero em Debate: Trajetória e perspectiva na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC. 1.997.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense. 1983.
- SANSOT, Pierre. *Les Gens de Peu*. Paris: PUF, 1991.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. Descobrir o corpo: uma história sem In: *Revista Educação e Sociedade*. Porto Alegre: UFGS v. 25, n. 2, julho / dezembro 2000.
- SANTOS, Déborah Silva. *Memória e Oralidade: Mulheres Negras no Bexiga - São Paulo - 1930/40/50*. São Paulo: PUC, Mestrado em História, 1993.
- SCOTT, Joan. "Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica." Traduzido pela SOS: Corpo e
- SCOTT, Joan. A Invisibilidade da experiência. In: *Revista Projeto História. Cultura e Trabalho*, n.16,São Paulo: PUC, 1.998.
- SILVA, Dalva Maria de Oliveira. *Memória, Lembrança e Esquecimento: Trabalhadores nordestinos no Pontal do Tri-*

- ângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960*. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 1996.
- SOARES, Carmem Lúcia (org.). *Corpo e História*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo: EDUC, 1995.
- SOUZA-LOBO, Elizabeth. Trabalhadores o dia da representação. In: *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 vols. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E.P. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VALÉRIO, Cláudio. *Janela – Poesias*. Anastácio -MS: 1998.
- VIGARELLO, Georges. O corpo inscrito na história. Imagens de um arquivo vivo (entrevista). In: *Revista Projeto História*. São Paulo: EDUC, n.21, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1.979.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1990.
- WOLFF, Cristina. *Mulheres da Floresta: Uma história do Alto do Juruá, Acre (1890-1945)*. São Paulo: Heite.

Fontes Escritas

- Livro de Atas da Câmara Municipal de Anastácio-MS.
Livro de Atas de Posse da Prefeitura Municipal de Anastácio-MS.

Livro de Registros de Casamento do Cartório Civil do Município de Anastácio, MS. 1959 -1990.

Cadastro de Censo do IBGE, Aquidauana - MS. 1960 – 1996.

Jornal " O Porta Voz", Anastácio – MS. 31 de maio de 1985.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 18 de fevereiro de 1989.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 15 de janeiro de 1988.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 30 de abril de 1999.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 15 de outubro de 1988.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 15 de agosto de 1999.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS.15 de março de 1989.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 30 de novembro 1989.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 15 de junho de 1985.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 22 de abril de 1987.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 07 de março de 1985.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 21 de março de 1984.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 20 de outubro de 1987.

Jornal "O Porta Voz", Anastácio – MS. 30 de julho de 1982.

Fontes Orais

1 - Maria José Barbosa

Dona Maria nasceu no ano de 1921, na cidade de Juá do Manso, Pernambuco, Município de Vertente / Surubim. Mesmo sem o consentimento do pai, aos 17 anos se casou com seu primo, que se separou da primeira esposa para ficar com ela, com quem teve 16 filhos. No ano de 1960, após seu esposo ter informações sobre terras mato-grossenses por um divulgador, migrou, inicialmente contrariada, juntamente com a família de seu esposo, para a Colônia do Pulador.

2 - Maria José Barbosa Filha

Nasceu no ano de 1949, na cidade de Juá do Manso, filha mais velha de 16 filhos de Maria José Barbosa. Aos 11 anos de idade, no ano de 1960, juntamente com seus pais, migrou para a Colônia do Pulador. Aproximadamente no ano de 1970, com 21 anos de idade, Maria filha se casou com seu primeiro namorado e teve 12 filhos, passando a residir na cidade de Anastácio.

3 - Manoel José do Nascimento

Nasceu no município de Caruaru, Pernambuco, aproximadamente no ano de 1934, perto do rio Capibaribe, tinha 10 irmãos. Migrou em 1948 com seus pais para a Colônia do Pulador, onde já tinha alguns parentes paternos. Em 1953 casou-se com Maria Olímpio com quem teve dois filhos.

4 - Maria Olimpio da Silva Nascimento

Filha primogênita de Olimpio Valério da Silva e de Joséfa de Jesus que tiveram dez filhos. Maria nasceu no ano de 1929, no município de Limoeiro, Pernambuco. Aos 21 anos de idade, no ano de 1951 migrou para a Colônia do Pulador com sua mãe e dez irmãos; seu pai já estava em Mato Grosso visitando um irmão chamado José Valério, apelidado de tenente. Aos 23 anos Maria se casou com Manoel José do Nascimento e teve dois filhos.

5 - Antônio Gomes de Brito - Lalau

Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1918 na cidade de Vertente de Taquaritinga, Pernambuco e foi criado por seu pai, Ladislau Gomes de Brito e sua irmã mais velha. A mãe morreu quando ele era muito pequeno. Em 1934, com 16 anos, migrou com seus oito irmãos para a Colônia do Pulador, deixando dois irmãos no Norte. Seu pai já estava na Colônia visitando um compadre. Cinco anos mais tarde, sua prima Benvinda também migrou para a Colônia, e com ela se casou.

6 - Benvinda Maria da Conceição

Nasceu nas proximidades de Maduri em Pernambuco, filha de Candido Ramos Pereira e de Maria da Conceição que faleceu durante o parto do quinto filho. No ano de 1939 migrou, acompanhada de seus irmãos pequenos, trazida pelo irmão mais velho Vicente Pereira Ramos que já habitava a região, pois seu pai havia falecido. No mesmo ano que migrou, casou-se com seu primo, o senhor Antônio Gomes de Brito.

7 – Alarico David Medeiros Sobrinho

Natural do município de Nioaque, Mato Grosso do Sul, tem aproximadamente 71 anos de idade, casado com a senhora Edi da Conceição Medina Medeiros, pai de quatro filhos. É tabelião do município de Anastácio e ex-prefeito. Mato-grossense, viveu, devido a seu ofício, muitas experiências com os moradores da Colônia.

8 – José Manoel da Silva

Conhecido como Zé Camilo, nasceu em Riacho das Almas, Caruaru, Pernambuco no ano de 1925. No ano de 1948 casou-se com Margarida Maria da Silva com quem teve seis filhos. Migrou no ano de 1952 com sua família para a Colônia do Pulador. Considerado um dos moradores mais importantes da Colônia, ligado indiretamente às discussões políticas regionais.

9 – Alcebíades Alves de Albres

Mais conhecido como Bidó, nasceu no município de Anastácio no ano de 1931. De família politicamente importante na cidade, casado, pai de dois filhos e ex-prefeito do município de Anastácio.

10 – Cláudio Valério da Silva

Nascido na Colônia do Pulador no ano de 1955, pertencente a uma família tradicional da Colônia, os “Valérios”, foi professor, radialista, poeta e político atuante no Estado do Mato Grosso do Sul, sendo ex – deputado estadual e ex-prefeito do município de Anastácio.

Caro Leitor,

Esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Compartilhe conosco suas dúvidas e sugestões escrevendo para:

autor@pacoeditorial.com.br

Adquira outros títulos em
www.pacoeditorial.com.br

paco
editorial

Rua 23 de Maio, 550
Vianelo - Jundiaí-SP - 13207-070

A presente obra é um caminhar repleto de trilhas e atalhos no inserir de cotidianos alvissareiros, dentre técnicas variadas. Trata de famílias em deslocamento social, de Pernambuco a Mato Grosso/Mato Grosso do Sul, relatos de pugnas, de conquistas, de perseveranças.

Um velejar por ventos benfazejos, dentro de um contexto, em vocabulário acessível, Andréa consegue transformar informações em conhecimento, propiciando estímulos a novas criações... por certo, teremos um abrir de futuros pronunciamentos.

A. Begossi



Andréa Silva Domingues, nascida em São José dos Campos-SP, graduou-se em História pela UFMS (Aquidauana – 1995/1999). Aluna destaque no Curso, autora de “Recorte a Memória Política do Município de Anastácio-MS (1999)”. Possui Mestrado e Doutorado em História Social pela PUC/SP. Atualmente é professora titular, coordenadora do curso de História da Universidade do Vale do Sapucaí - Univás, além de compor o corpo docente do Mestrado em Ciências da Linguagem e ser orientadora de iniciação científica na mesma instituição. Atua como ministrante de palestras e cursos de capacitação nas redes de ensino referente à lei 10639/03 e o ensino de história da África e Cultura Afro-brasileira.

ISBN 978-85-64367-11-1



A presente obra objetiva refletir sobre as experiências sociais e culturais dos habitantes da Colônia do Pulador, cidade de Anastácio-MS. É analisando modos de vida de homens e mulheres, oriundos de diferentes regiões de Pernambuco, que a professora historiadora Andrea Silva Domingues vislumbra “compreender as relações destes personagens históricos com a natureza e o trabalho, seus valores e relações sociais dentro da Colônia, seus sonhos e receios, na tentativa de evidenciar as singularidades de sua cultura material e sensível”.

Não restam dúvidas de que, além de evidenciar seriedade, argutez, persistência e prazer no trato e diálogo com diversificados materiais empíricos, a obra também demarca a arte de falar, ouvir, analisar, escrever e contar histórias, que Andrea está compartilhando com todos os seus leitores. E que eu honrada pelo feito, apresento agora a você leitor.

Prof^a. Dr^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto

UFPA/Campus Universitário do Tocantins-Cametá